Cinearte

ANNO IV N. 183
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 28 DE AGOSTO DE 1929
Preço para todo o Brasil 1$000

GARY COOPER

Descuido Lamentavel

O descuido tem causado a desgraça de muitas pessoas, e o desleixo e infortunio de outras tantas. Por descuido ou por desleixo, muitas pessoas levam as mãos polluidas á bocca ou aos olhos, assim como tocam com ellas os alimentos que vão ingerir.

Muitas vezes, sem saber, temos as mãos contaminadas por germes perigosos, provenientes de individuos que, embora apresentando perfeita saude, são portadores dos microbios da febre typhoide, da dysenteria, da diphteria, etc. Ha, portanto, toda conveniencia de trazer as mãos sempre limpas, sobretudo no momento das refeições.

A agua corrente e o sabão são os melhores elementos de defesa contra o perigo da contaminação. Em muitos casos convém usar um sabão antiseptico, como o Sabão Bayer de Afridol, valioso como desinfectante e conservador da pelle.

Presta-se, admiravelmente, como prophylactico e curativo, sendo, por isso, de toda conveniencia tel-o sempre em casa, não esquecendo de que o descuido e o desleixo podem ser causa de uma infecção.

Como está magrinha!

Quantas vezes essa phrase, dita sem a menor intenção desagradavel, com referencia a uma criança, vae ferir profundamente um coração de mãe!

E' muito máo habito esse, que muita gente tem, de reparar na gordura ou na magreza das pessoas com quem fala e o peor ainda é o dizel-o em tom de lastima.

Nem sempre o estar-se magro é indicio de saude fraca, nem a gordura é symptoma de robustez. Nas crianças, principalmente, a magreza é, ás vezes, consequencia do crescimento rapido; os elementos de nutrição, introduzidos no organismo, são por este aproveitados, mais no sentido da altura, provocando um desequilibrio entre esta e a espessura do tecido muscular. A debilidade provocada por esse desequilibrio passageiro, de transição, é facilmente corrigida com o uso da Candiolina Bayer, na qual o phosphoro e o calcio entram em dóses convenientes para prevenir quaesquer perturbações de saude, restabelecendo a harmonia organica.

Uma ou duas *tabletes* diarias, de Candiolina — de gosto muito agradavel — constituem um fortificante poderosissimo.

Augusto Genina está filmando por conta da Sofar, de Paris, "Tango", uma producção sonora e falada, na qual Carmen Bon tem o principal papel.

◈ ◈ ◈

Até que emfim Pola Negri se decidiu a filmar para a Imperial Film, da França, "Traquée".

◈ ◈ ◈

Gennaro Righelli continúa em actividade na direcção de uma sua nova producção, na qual tomam parte: Renée Heribel, Alex Bernard e Fritz Kortner.

◈ ◈ ◈

Leda Gys está se preparando para posar o seu primeiro film sonoro e cantado, por conta da Titanus Film de Napoles.

◈ ◈ ◈

Tod Browning está occupado na direcção de "The Thirteenth Chair", da M. G. M., com Conrad Nagel, Leila Hyams, Mary Forbes, Holmes Herbert e Cyril Chadwick.

◈ ◈ ◈

O novo film de Dupont para a British International terá duas versões faladas: uma em inglez e outra em allemão.

Alice White e Dorothy Mackaill estão no elenco de "Woman on the Jury", do First National.

◈ ◈ ◈

Carol Lombard e Robert Armstrong são os dois principaes em "The Racketeer", da Pathé.

◈ ◈ ◈

Sue Carol, David Rollins, Nick Stuart, Dixie Lee, Ged Prouty, Dot Farley e Olive Tell têm os principaes papeis em "Why Leave Home", da Fox.

◈ ◈ ◈

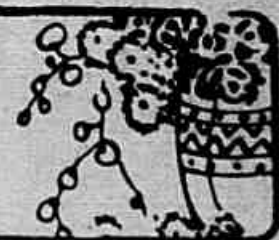
Clara Bow annunciou o seu proximo casamento com Harry Richman, muito popular nas comedias musicaes e proprietario de um "club" nocturno de Nova York.

Causou sensação em Hollywood essa communicação de Clara Bow.

◈ ◈ ◈

Robert Vignola vae dirigir um film na Italia. Trata-se de "Il Passerotto"

◈ ◈ ◈

A R. K. O. vae empregar 50 milhões de dollares na construcção e compra de grandes cinemas para primeiras exhibições.

FOI INICIADA A PRODUCÇÃO SONORA DA UFA

Erich Pommer, seu realizador Hanns Schwar, o autor do argumento Hans Szekely, o compositor Werner Richard Heymann, o operador Guenther Rittau e o architecto Erich Kottelhut encontram-se, desde ha algum tempo, em Budapest preparando a filmagem dos exteriores da nova producção da UFA, dirigida por Erich Pommer. Os protagonistas: Willy Fritsch e Dita Parlo, tambem chegaram á referida cidade para os mesmos fins.

卍

"EROTIK"

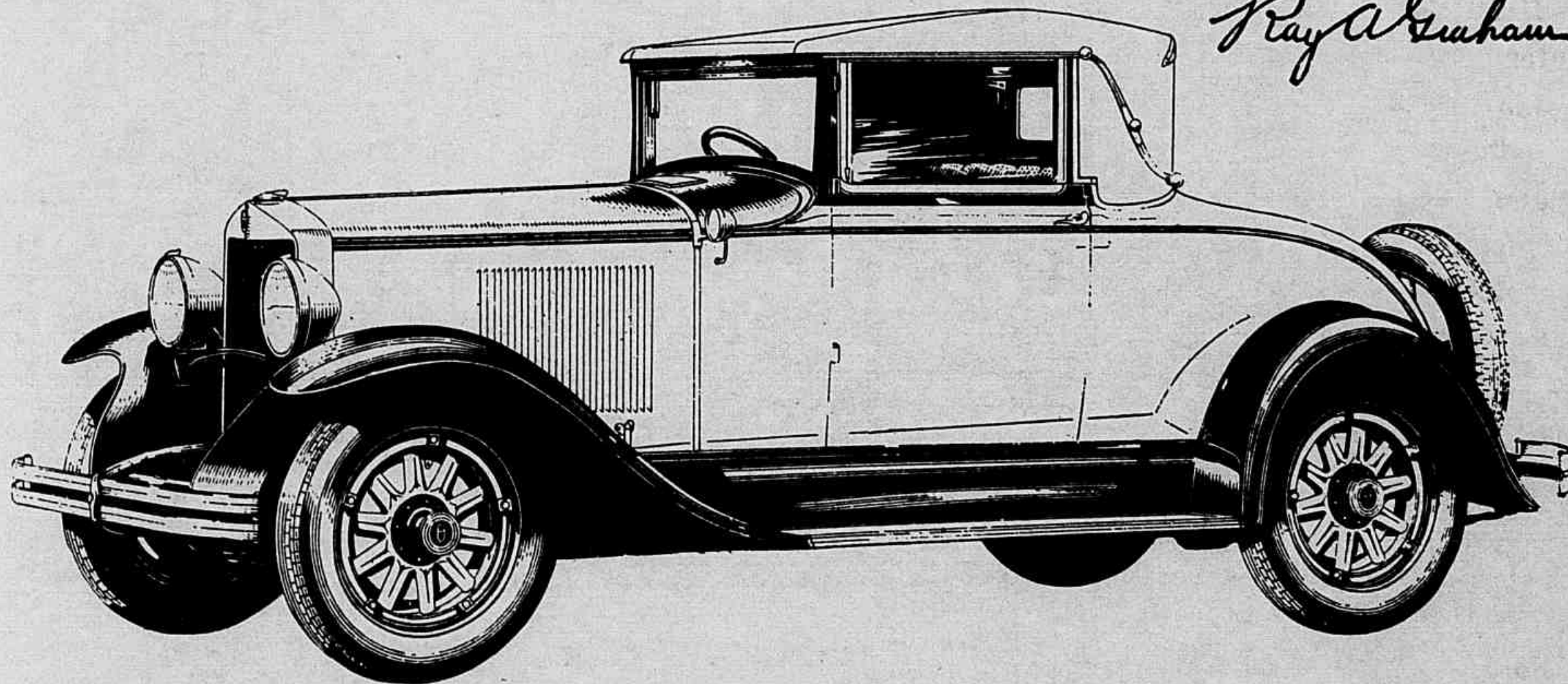
Este film allemão está obtendo grande successo em Hamburgo, apezar do grande calor que tem feito no grande porto da Allemanha.

A Sensação de *Duas* Altas Velocidades

(Cambio de Quatro Velocidades, Mudanca *Standard*)

A Graham-Paige offerece uma grande variedade de carrosserias, incluindo Baratas, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo, Sedans e Limousines, em cinco chassis differentes, de seis e de oito cylindros — a preços diversos. Todos são equipados com o cambio de quatro velocidades, excepto o modelo 612.

DENTRE os carros de alta classe os Graham-Paige de seis e de oito cylindros são distinguidos pelo surprehendente funccionamento do seu cambio de quatro velocidades, de comprovada superioridade. Possue duas altas velocidades; sua quarta velocidade (empregada a maior parte do tempo) offerecç uma suavidade e velocidade inteiramente novas; a terceira (de engrenagem interna silenciosa) proporciona acceleração rapida no trafego tumultuoso da cidade e em subidas ingremes. A mudança é do typo *standard*—parte-se em segunda, muda-se para terceira e dahi para quarta. A primeira velocidade, mantida em reserva porem disponivel a qualquer momento, é raramente utilisada. Temos um carro a sua disposição para uma experiencia.

Joseph B. Graham
Robert C. Graham
Ray A Graham

G. CORBISIER & CIA.	J. GENTIL FILHO	DANTAS BASTOS & CIA.	WEISS, SANTERRE & CIA. Ltda.
Rua Barão de Itapetininga, 67	Praça Floriano, 55	Avenida Rio Branco, 127	Rua Sete de Setembro, 753
SÃO PAULO	RIO DE JANEIRO	RECIFE	PORTO ALEGRE

GRAHAM-PAIGE

"CINEARTE"

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"
Directores: MARIO BHERING e A. A. GONZAGA
Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$ — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida à Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Central 0.518. Escriptorio: Central 1.037. Officinas: Villa 6.247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Charlie Murray e George Sidney vão apparecer juntos em um novo film da série "Cohens and Kelly", desta vez com um fundo escossez. Chama-se "Cohens and Kelly in Scotland". Vera Gordon e Kate Price têm dois importantes papeis.

◈ ◈ ◈

Janet Gaynor e Charles Farrell estão juntos novamente em "Sunny Side Up", da Fox, sob a drecção de David Butler.

◈ ◈ ◈

Charles Brabin será o director de "Ordeal", da M. G. M.

◈ ◈ ◈

Al Golson escreveu os canticos de "Tin Pan Alley", de Norma Talmadge e Gilbert Roland. Lilyan Tashman, Roscoe Varns e Mary Doran completam o elenco.

◈ ◈ ◈

A Fox inaugurou um novo cinema em São Francisco, com capacidade para cinco mil espectadores. Custou a nova casa cerca de cinco milhões de dollares.

◈ ◈ ◈

O elenco que coadjuvará Bebe Daniels e John Boles em "Rio Rita", da R. K. O. é o seguinte: Don Alvarado, Eva Rosita, Fred Burns, Charles Stevens, Dorothy Lee e Helen Kaiser.

◈ ◈ ◈

Monta Bell declarou ha poucas semanas a um jornalista: No inicio desta nova phase do cinema pensava-se que um film seria tanto melhor quanto mais dialogo contivesse. Dahi ter predominado por algum tempo a technica do palco. No entanto, pouco a pouco foi-se aprendendo que o lemma "mais acção e menos palavras" era o melhor.

E hoje, póde-se dizer já existe um perfeito equlibrio entre o som e a acção.

Jacqueline Logan será a heroina de George Bancroft no novo film que este vae estrellar para a Paramount, "The Mighty".

◈ ◈ ◈

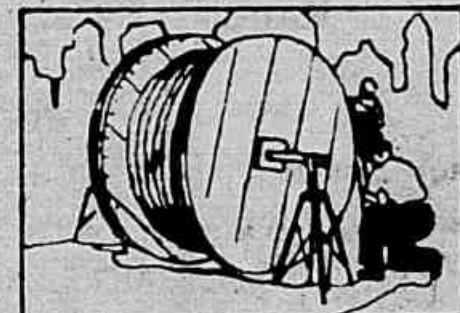
Além de Myrna Loy, figuram no elenco de "Evidence" a grande Pauline Frederick e mais William Courteney, Conway Tearle, Lowell Shennan e Alec B. Francis.

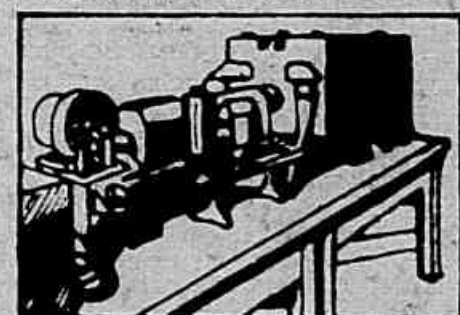
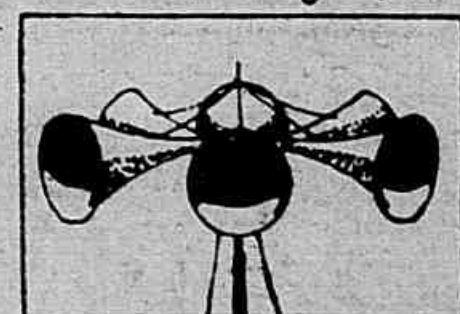
GRANDES NOMES

Envolvidos nesta nova e grande arte

E os principaes fabricantes no mundo de...

Telephones

Mezas de Distribuição

Cabos

Installações Telephonicas Transatlanticas

Apparelhos Telephotographicos

Apparelhos Annunciadores Publicos

Os laboratorios da BELL Telephone, a Western Electric, os principaes productores de films cinematographicos, os exhibidores mais progressistas — todos unidos, lhe apresentam os films sonóros!

Contando cincoenta annos de experiencia na arte telephonica, a WESTERN ELECTRIC produziu o primeiro apparelho capaz de gravar e reproduzir fielmente o som (Movietone e Vitaphone).

Os productores mais famosos, usam unicamente os apparelhos WESTERN ELECTRIC, e com isso vêm, com todo o successo, enfrentando as difficuldades technicas communs á uma nova e revolucionaria arte.

Os exhibidores escrupulosos, aquelles que procuram sempre proporcionar ao seu publico o que ha de melhor no genero de diversões, installam em seus theatros os apparelhos WESTERN ELECTRIC para reproducção de som.

O successo do film sonóro já é um facto comprovado. A sua continuação é inquestionavel. Não deixe de deliciar-se, vá aos cinemas que exhibem films desses grandes productores, nos quaes é usado o apparelho reproductor de som WESTERN ELECTRIC — justamente reconhecido como o unico perfeito no mundo.

Western Electric SOUND SYSTEM

Western Electric Company of Brazil

Praça Ramos de Azevedo, 16 — São Paulo.

HAROLD LLOYD E BARBARA KENT EM "WELCOME DANGER".

A PROPOSITO do film sonoro, na "Minerva" de 16 de Julho, Marziano Bernardi publica um artigo muito interessante estudando o novo aspecto da cinematographia faz pouco introduzida na Italia como entre nós.

Por elle se verifica que na peninsula como em toda parte dividiram-se as opiniões a respeito, sendo objecto de apaixonadas discussões.

A' frente dos que não podem admittir a innovação focalisamos a personalidade de Luigi Pirandello que affirma: "Com a palavra mecanicamente impressa no film, a cinematographia que é expressão muda de imagens e linguagem de apparencias acabará por provocar a irreparavel ruina de si propria para transformar-se em apenas uma copia photographica e mecanica do theatro; copia forçosamente má porque toda illusão da realidade será perdida".

Marziano Bernardi insurge-se contra aquelles que discutindo o assumpto vêem no Cinema apenas um appendice do theatro e não, como de facto o é, uma nova revelação de arte. Ao binomio — "cinematographo-theatro" — propõe elle a substituição por "cinematographo-pintura" — pintura descriptiva, de evidencia representativa por excellencia, que se destaca da immobilidade do quadro, animando-se mecanicamente de uma vida propria que continua no tempo e no espaço.

Estudando em face do film sonoro a differença existente entre os dous, addita o autor do artigo que buscamos resumir: "E' claro que acceitando esse presupposto, o problema do film sonoro acaba por ser levado a um campo de discussão no qual o termo comparativo ou antes de antithese "theatro" vem a perder quasi todo o seu valor.

Theatro? "

Que cousa é porém o theatro senão e unicamente uma acção falada?

E que cousa é a mise-en-scene senão um elemento que deve fundir-se immediatamente (e ai da peça theatral se isso não acontece!) annular-se em face do dialogo.

No Cinema, pelo contrario, a mise-en-scene é, pode-se affirmar, tudo; é o elemento pictorico, de facto, que constitue a maxima attracção artistica; e essa mise-en-scene como demonstrou a estupenda producção "Ombre bianche" pode ser da maxima grandiosidade, da maior complexidade que se possa imaginar: madrugadas e crepusculos, céos, rios, mares, visões de continentes longinquos, de costumes exoticos, de homens e de raças de cuja existencia apenas suspeitaramos, cidades esplendidas, maravilhosos palacios, luxo e miseria, civilisação e barbaria, sublimidade e horror... Dar-lhe uma voz?

Que voz é possivel dar ao tumulto das torrentes, aos rumores da tempestades, á ineffavel alvura dos gelos, aos verdes silencios dos mysterios da selva?

Só conheço uma, a musica, a unica expressão de arte que póde ser irmanada á pintura. E é o que se tem feito e o que se poderá fazer de melhor.

Dir-me-eis agora que nessas visões pictoricas existem sempre sombras humanas, paixões humanas se desencadeiam, todos os sentimentos que da alma irrompem nellas palpitam; porque constrangel-as ao silencio se o progresso scientifico lhes concede o divino dom da palavra?

Pois seja, concedei á essas sombras a palavra.

Mas não vos esqueçais que embora a technica possa levar a illusão ao maximo da realidade, são sombras apenas as que vemos e a precisão suprema da palavra não póde existir nesse mundo fantastico; o que tendes em vossa frente não é um palco scenico e sim uma téla branca na qual deve desenvolver-se a acção.

Como a musica em certos dramas é introduzida para sublinhar os mais patheticos momentos, assim a voz, para a cinematographia deverá ser apenas um commentario vago, discreto, allusivo e poetico...

Nisso residirá na verdade a arte do film sonoro, que desejamos não seja apenas um theatro mecanico, uma pintura que fala, mas sim uma pintura que canta".

CINEMA BRASILEIRO

(De PEDRO LIMA)

Quando todos os Estados do Brasil extinguiram as escolas cinematographicas, cujo unico beneficio é dar trabalho á policia, e nada mais, surge uma Academia Cinematographica Bahia Films, na linda capital de S. Salvador.

E' seu director um tal Francisco Adamo, que se diz muito conhecido no meio de Cinema etc. Ora, ninguem conhece este illustre cavalheiro nas rodas de Cinema.

E mesmo que elle fosse o maior director do mundo, desde que, elle se propõe a ensinar artistas, é innegavelmente, um elemento pernicioso para o nosso Cinema.

A policia bahiana, a proposito do que tem feito a de outros Estados victimas destes exploradores, deve igualmente tomar providencias e banir, limpar do seu meio estes professores de Cinema, que se servem de todos os titulos, excepto aquelle que de direito deviam usar...

Em todo caso, emquanto a policia não toma providencias, aqui fica o aviso.

Cuidado com Francisco Adamo. A sua escola não passa de um centro de exploração.

* * *

Sergipe, tem assistido até hoje, apenas o desenvolvimento do Cinema, em todos os demais Estados do Brasil.

Mesmo da nossa Capital chegam até lá somente os remigios dos esforços e dos successos obtidos pelos films brasileiros. Sergipe tem sido quando muito um espectador collocado numa fila de traz...

Mas agora, parece que vae, não procurar uma collocação melhor para assistir aos films, mas produzil-os.

E' pelo menos o que nos participa Felisbello Brandão, annunciando-nos a fundação de uma pequena sociedade para a producção de films de enredo, denominada Bran Film.

Para inicio da producção foi escolhido o conto "A Casa Côr de Rosa", original de Carlos Dosarco.

Esperamos que doravante, as paginas de "Cinearte" possam registrar o esforço de Sergipe e a sua contribuição pelo Cinema Brasileiro.

CARMEN SANTOS

Finalmente, o Rio vae assistir a um film feito no Rio Grande do Sul.

E justamente o mais falado de todos, o de maior renome. Trata-se de "Amor que Redime" que em tempos, mereceu de Al. Szekler, então director da Universal Pictures do Brasil, os melhores elogios.

Somente agora, graças aos esforços de um dos directores da Ita Film, Armando R. de Oliveira, e a bôa vontade da Agencia Cinematographica Mario Limeira & Cia. de Porto Alegre, que mandou ao Rio o seu auxiliar Diogo Jayme Avila, especialmente para este film, poderemos avaliar o esforço e o desenvolvimento do grande Estado do Sul na Industria do Cinema Brasileiro.

* * *

Tambem fala-se da apresentação de "Escrava Isaura" no Rio.

* * *

A Benedetti-Film já escolheu Lelita Rosa e Thamar Moema para o seu proximo film que se intitulará "Saudade" e será falado. Todo o pessoal technico será o mesmo que fez "Barro Humano".

* * *

Carmen Santos, que acaba de estrellar "Sangue Mineiro" para a Phebo, vae começar uma producção independente. O operador será Edgar Brasil.

* * *

A Phebo já está preparando a filmagem de "Ganga Bruta", cujo scenario já se acha prompto.

Carmen Santos e Luiz Sorôa em "Sangue Mineiro", da Phebo.

Scena da "Escrava Isaura", da Metropole Film. de São Paulo.

Para as proximas producções da Phebo, Benedetti e de Carmen Santos, ha grande procura de typos novos.

Uma grande opportunidade para quem deseja, tentar o nosso Cinema que já é levado a serio e já dá para remunerações. "Cinearte", como sempre, encarregar-se-á de receber as photographias dos candidatos.

Julio Danilo, Noemia Zita e Milton Dartel que figuram em "Na idade das Illusões".

Olivette Thomas e Odilon Azevedo em "Veneno Branco".

CINEMA BRASILEIRO

(De PEDRO LIMA)

Quando todos os Estados do Brasil extinguiram as escolas cinematographicas, cujo unico beneficio é dar trabalho á policia, e nada mais, surge uma Academia Cinematographica Bahia Films, na linda capital de S. Salvador.

E' seu director um tal Francisco Adamo, que se diz muito conhecido no meio de Cinema etc. Ora, ninguem conhece este illustre cavalheiro nas rodas de Cinema.

E mesmo que elle fosse o maior director do mundo, desde que, elle se propõe a ensinar artistas, é innegavelmente, um elemento pernicioso para o nosso Cinema.

A policia bahiana, a proposito do que tem feito a de outros Estados victimas destes exploradores, deve igualmente tomar providencias e banir, limpar do seu meio estes professores de Cinema, que se servem de todos os titulos, excepto aquelle que de direito deviam usar...

Em todo caso, emquanto a policia não toma providencias, aqui fica o aviso.

Cuidado com Francisco Adamo. A sua escola não passa de um centro de exploração.

* * *

Sergipe, tem assistido até hoje, apenas o desenvolvimento do Cinema, em todos os demais Estados do Brasil.

Mesmo da nossa Capital chegam até lá somente os remigios dos esforços e dos successos obtidos pelos films brasileiros. Sergipe tem sido quando muito um espectador collocado numa fila de traz...

Mas agora, parece que vae, não procurar uma collocação melhor para assistir aos films, mas produzil-os.

E' pelo menos o que nos participa Felisbello

CARMEN SANTOS

Brandão, annunciando-nos a fundação de uma pequena sociedade para a producção de films de enredo, denominada Bran Film.

Para inicio da producção foi escolhido o conto "A Casa Côr de Rosa", original de Carlos Dosarco.

Esperamos que doravante, as paginas de "Cinearte" possam registrar o esforço de Sergipe e a sua contribuição pelo Cinema Brasileiro.

Finalmente, o Rio vae assistir a um film feito no Rio Grande do Sul.

E justamente o mais falado de todos, o de maior renome. Trata-se de "Amor que Redime" que em tempos, mereceu de Al. Szekler, então director da Universal Pictures do Brasil, os melhores elogios.

Somente agora, graças aos esforços de um dos directores da Ita Film, Armando R. de Oliveira, e a bôa vontade da Agencia Cinematographica Mario Limeira & Cia. de Porto Alegre, que mandou ao Rio o seu auxiliar Diogo Jayme Avila, especialmente para este film, poderemos avaliar o esforço e o desenvolvimento do grande Estado do Sul na Industria do Cinema Brasileiro.

* * *

Tambem fala-se da apresentação de "Escrava Isaura" no Rio.

* * *

A Benedetti-Film já escolheu Lelita Rosa e Thamar Moema para o seu proximo film que se intitulará "Saudade" e será falado. Todo o pessoal technico será o mesmo que fez "Barro Humano".

* * *

Carmen Santos, que acaba de estrellar "Sangue Mineiro" para a Phebo, vae começar uma producção independente. O operador será Edgar Brasil.

* * *

A Phebo já está preparando a filmagem de "Ganga Bruta", cujo scenario já se acha prompto.

Carmen Santos e Luiz Sorôa em "Sangue Mineiro", da Phebo.

Scena da "Escrava Isaura", da Metropole Film. de São Paulo.

Para as proximas producções da Phebo, Benedetti e de Carmen Santos, ha grande procura de typos novos.

Uma grande opportunidade para quem deseja, tentar o nosso Cinema que já é levado a serio e já dá para remunerações. "Cinearte", como sempre, encarregar-se-á de receber as photographias dos candidatos.

Julio Danilo, Noemia Zita e Milton Dartel que figuram em "Na idade das Illusões".

Olivette Thomas e Odilon Azevedo em "Veneno Branco".

RUTH
GENTIL

CARMEN SANTOS

GRACIA
MORENA

LELITA ROSA

ESTELLA
MAR

EPILOGO DE UM ROMANCE...

Elle, o homem que amou a vida.
Ella, a mulher que amou o riso.

E' o bello romance que se acha gravado naquelles dois corações que nasceram para a felicidade e para o infortunio.

Mas o passado parece não lhes sorrir mais como nos dias de verdadeiro sonho... Mabel Normand está em rigoroso repouso na sua magnifica vivenda em ollywood, sériamente doente, curtindo dores atrozes. Lew Cody, a outra creatura, não se cansa de interessar-se pelo restabelecimento da eximia estrella. E assim, ironicamente, um futuro incerto lhes pesa sobre os hombros.

Os "fans" chamam-no o "homem borboleta", por causa dos films voluptuosos em que sempre tomava parte. O appellido della é mais docil e ao mesmo tempo o mais exquisito pois tratam-na de "little clown" porque procura sempre triumphar numa cousa sem nunca ter resultados.

Um dia, encontraram-se e riram. O riso brilhante de ambos transformou-se em amizade, e a amizade tornou-se em amor, de maneira que o amor andou mais depressa, suggerindolhes logo após o matrimonio.

Essa passagem romantica se dava ha tres annos, mais ou menos, em uma dessas manhãs primaveris de Setembro.

A marcha nupcial dos noivos parecia ecoarlhes aos ouvidos em timbres suaves e harmoniosos.

Eu li — diz um jornalista americano, todo esse romance em um jornal da tarde. E fiquei surpreso. Nunca julguei que Lew e Mabel se gostassem tanto assim. Para mim não passavam além de bons amiguinhos. As apparencias enganam. A surpresa sumiu-se e fiquei encantado com as possibilidades... Achava já uma cousa natural as suas maneiras, as suas relações amorosas. Eu tinha a certeza de que Lew iria, sem duvida, conquistar Mabel. O mesmo juizo ella fazia delle. O lar teria mais vida e risos, se é que se chama lar o esplendido recanto da terra cujos alicerces mais solidos haviam de ser espiritualismo, jubilo, paz e concordia.

A's vezes, porém, dois e dois não fazem quatro. E' isso o que muita gente suppõe ser o jogo mais temerario da vida. A historia de amor de Mabel Normand e Lew Cody não teve, como era de esperar, uma felicidade tão completa assim. Pensei em excesso e illudi-me com o que se passou, entre elles. Ninguem sabe, precisamente, expôr a verdadeira causa do fracasso. Somente Lew e Mabel não desconhecem em que parte do céo do seu amor apagou-se a sua bôa estrella. Apenas não desappareceram da memoria as recordações mais doces. Mas Mabel ri como sempre. "Little clown" procura esquecel-a no riso, um riso que lembra a morte.

Lew, da sua parte, encara e ama a vida com desprezo. Quem quer vida deve procural-a, mas elle dá de hombros e não se move. Sente que faltam-lhe as forças para readquiril-a. E' desanimo, é pessimismo. Está cansado da luta titanica, mormente em materia de amor.

Conhece o mundo a fundo, já virou-o de pernas p'ro ar, e sabe distinguir o bem do mal. Falta-lhe, porém, a coragem para enfrental-o de novo. E é por isso que ama a vida, indistinctamente, tanto no seu lado máo como no seu lado bom.

LEW CODY

MABEL NORMAND...

Os doutores dizem que, só por um milagre divino, Mabel conseguirá recuperar a saude. E eu creio em milagres. Mabel não póde deixar de existir. E' um idolo imperecivel de Hollywood. Deus é o ente supremo que vae dar forças áquelle pequenino ser, libertal-o para o mundo e deixal-o bater-se novamente pelo seu futuro tão dolorosamente interrompido. Mabel é inoffensiva e deve viver. Pobre "little clown" que só depende de milagres...

Mabel Normand era a maior "comediante" da téla. Não desejo, comtudo, proval-o eu mesmo. Resolvi ouvir a opinião, em primeiro logar, de Charlie Chaplin. Creio que não ha ninguem que tenha mais autoridade do que elle. E Charlie confirmou.

Ainda hoje, que ella se acha á morte, lembro-me perfeitamente dos seus dias de trabalho em "Mickey", uma maravilha inolvidavel. Quanto tempo faz que abandonou a arte, ao passo que o Cinema está cada vez mais se modernisando. Surgem novos talentos, novas invenções e multiplas celebridades no céo da Cinelandia. Com tudo isso Mabel não foi esquecida, pois, como disse, Chaplin considera-a ainda uma das mais fulgurantes estrellas.

Quem perde afinal? Somos nós, os "fans" porque se recupera a saude o seu meio de vida será outro. Não veremos mais brotar-lhe nos labios aquelle riso que era toda a sua graça, todo o seu encanto. Emmudeceu. O riso que tanto amava sumiu-se com a doença implacavel. E penso que não volta mais. Acima da sciencia, porém, está o milagre de Deus que nunca falha...

Se conheço-a? Orgulho-me em dizer que venho sendo seu amiguinho intimo desde quando entrou para a scena silenciosa, depois que abandonou seus trabalhos em uma acanhada fabrica de Brooklyn. Era joven e bella, com um riso de contaminar a creatura mais sisuda.

A má sorte, porém, persegue-a desde ha muitos annos. Nunca seus desejos terminam bem. Ha, seguindo suas pegadas, um azar de causar dó. E é por isso que, com muito acerto, appellidaram-na de a "pequena errante".

Falta em Mabel a bôa sorte mas, em compensação, tem um coração de ouro e uma memoria admiravel. Adora a leitura, tanto em francez como em inglez. Se lê um livro, procura novas aspirações, novos horizontes com que guiar-se futuramente. Lê e escreve, raciocina e aproveita tudo o que ha de melhor, mas tudo que pretende fazer não dá certo!

Toda Hollywood conhece de sobra as suas bôas acções. Caridade, por exemplo, occupa maior espaço no seu coração. Todo o mundo sabe que Mabel é benevola

E como póde uma moça, possuidora dessas bellas virtudes, errar nos seus planos? Porque seu riso durou quasi nada? São, incontestavel-

(Termina no fim do numero).

Impressões de Hollywood

(DE ADHEMAR GONZAGA)

O "Cocoanut Grove" — o Caramanchão de Coqueiros — do Hotel Ambassador, é um dos mais famosos e interessantes logares de Hollywood.

E' um lindo salão de dansas, cheio de macacos e coqueiros artificiaes e uma porção de mezinhas em volta, com "abat-jours" no feitio de um papagaio. Ao fundo, uma cascata de mentira. O tecto finge que é o céo, com estrellas, a lua, e nuvens que se movem. Effeitos de luz, palmeiras, uma orchestra maravilhosa sob a direcção de Jack Trevor e garçons elegantes que falam francez e sabem indicar sorvetes horriveis com nomes bonitos. Dansa-se valsas no escuro. Deixam cahir uma quantidade de bolas de gaz, no salão. Ha perfumes a frente dos ventiladores. Dansa-se todas as tardes e todas as noites. Um ambiente agradavel, com recantos sombrios, uma varanda romantica e outras cousas que fazem sonhar e esquecer... a nota do garçon...

A "Collegian Night" é as sextas-feiras.

E' a noite da mocidade, dos rapazes da Universidade, das pequenas "sixteen", mas tambem se encontra algumas velhas de chapeus horriveis que dansam com cavalheiros de grandes bigodes e exoticos "smokings".

A noite do Cinema é as terças-feiras. E' o dia preferido pelos artistas.

Em Hollywood não ha quem não tenha ido ao "Cocoanut Grove" e no Brasil não ha "fanatico" que não o conheça de nome. E' natural, portanto, que eu não perca uma "Tuesday Night". E na primeira vez que lá estive estava repleto de "Shriners" membros da ordem muito antiga e respeitavel da Mystic Shrine, que estavam aqui em Los Angeles para uma grande convenção. Tomaram a cidade de assalto e não ha duvida que aquella gente de todos os Estados do paiz, com a sua "fez" a cabeça, emprestou a cidade um aspecto de mais vida e alegria. Não direi que foi uma invasão de barbaros porque não está bem apanhada esta comparação e isto já está muito batido. Direi que foram os troyanos que aqui entraram porque dentro do cavallo que desta vez foi um trem inteiro, trouxeram muitos cavallinhos brancos nos rotulos de uma enorme quantidade de garrafas...

Foi uma farra... acho que ninguem pagava o bond e todos podiam xingar o conductor e escrever nos vidros algumas palavras interessantes...

Eu vi alguns delles fantasiados, estacionarem um Ford em plena Broadway de Los Angeles sem que os policiaes do trafego pudessem sequer pedir por favor para que andassem.

Uma especie de Carnaval no Rio e os Shriners incluindo varios pelles vermelhas não podiam ser presos. Não sei como alguns artistas que tambem puzeram a "fez" na cabeça não aproveitaram a occaião para dar uma surra em alguns productores.

Vi George Bancroft, Harold Lloyd, Monte Blue e outros a usar o caracteristico "casquette" turco e assim tambem estava Kenneth Harlan nesta noite no Cocoanut. E, aqui entre nós, aproveitando a invasão do cavallo branco... Mas quem saberá se o saudoso artista de films inesqueciveis como "A hora decisiva" e "Na terra das uvas" e que agora está trabalhando no palco, não procurava esquecer aquelles labios humidos de Marie Prevost... que mataram Ward Crane?

Gonzaga, ao lado de Sam Hardy, James Finlayson e Stan Laurel, comediantes da Hal Roach.

Hoot Gibson tambem lá estava. Elle tem o cabello quasi todo branco.

Acompanhava Ruth Elder e uma senhora feia que se parecia muito com a celebre aviadora e já conhecida artista de "Marujo sem pavor". Si não era a sua mamãe, era a sua sombra. Varias vezes arrancavam o sympathico cow-boy da Universal da companhia de sua noiva como já dizem as más linguas de Hollywood para apresentarem-n'o a algumas Shriners lá de Alabama ou de Gainesville.

— Como vae, Hoot? — diziam os apresentados.

— *Bem obrigado.* — deveria responder o heróe de "Um jogo de corações" que para mim acostumado a vel-o vestido de couro, não concebia assim a primeira vista, o seu traje de smoking e as suas maneiras de gentleman. Sim, gentleman. Infelizmente gentilhomem é horrivel. Ruth não é tão bonita como nos films, mas é sympathica.

Dá impressão assim de quem mora em Cascadura ou numa casinha da linha auxiliar...

Corinne Griffith, sim, é que tem a mesma elegancia da téla.

Um typo differente, mas o mesmo porte de distincção. O seu marido Walter Morosco tentava divertir os companheiros de meza com algumas pilherias que não tinham graça alguma. Graça tinha Diane Ellis, aquella loirinha que já

Olympio e Gonzaga. A idéa da pose foi de um photographo do Olympio. Elles não tiveram culpa.

vimos unm film de Buck Jones, não me lembro o nome agora. E' sempre vista com Harry Crocker que é o braço direito de Carlito.

Sid Grauman, o celebre exhibidor de Hollywood, que acaba de vender os seus lindos Cinemas Chinése e Egyptian a Fox, queria collocar a seu autographo numa boneca que uma loirinha lhe trouxe, mas não tinha caneta. Perguntou se eu tinha. E eu tive pena de não ter caneta para assim, arranjar dar as tintas á umá entrevistazinha.

Vi tambem Mahlon Hamilton que é vermelho como um bonde de São Paulo e Lane Chandler que é mais alto do que o Fantol.

Eu fui outras terças-feiras ao Caramanchão e direi depois quaes os que tenho visto.

* * *

Um outro logar muito frequentado pelas estrellas é o Henry's Café de Henry Bergmann, aquelle barrigudo que viamos nas comedias de Billie Ritchie (Lembram-se de "Cupido no Hospital"?) e tem figurado em todos os films de Carlito.

Dizem aliás, e é verdade, que por detraz de Bergamann está Chaplin como verdadeiro dono do restaurante. Na America, café, é restaurante.

O imposto de renda e Lita Grey arrancaram tanto dinheiro do admiravel idealizador de "Em busca de ouro", que elle preciza tratar de outros negocios.

Um dia destes eu vi lá o Stuart Holmes. A sua cara parece porta de tinturaria. Tem todas as côres e o cabello é como nós chamamos de fogo. Estava com chapéo — que gosto esquisito! — que causava pena. Que chapéo sujo e amarrotado! Stuart Holmes parecia que estava trabalhando no film de Olympio Guilherme, "Fome".

JEAN ARTHUR foi uma das que trabalharam para que a convenção Shriners fosse a maior da historia de Al Malaikah.

Se parasse na rua, era capaz de receber alguns nickeis. Coitado de Stuart Holmes, eu o admiro. Não naquelles papeis de villão convencional que sempre pisa canteiros inteiros e tranca-se no quarto com as heroinas.

Lembram-se daquelles seus velhos films na Fox? Aquelle em que elle fazia um jogador de poker em Broadway? Não me lembro do titulo. Que film e que Stuart Holmes!

Por falar em "Fome". Olympio Guilherme já tem este seu film quasi terminado e alimenta — sim, alimenta — grandes esperanças no seu successo no Brasil. Muito ainda falarei de Olympio Guilherme e seu film. Eu que já fui o escrivão do pretor Albino Vidal no casamento de Antonio Silva e Josephina Barco em "Convem Martellar", que já appareci em "Barro Humano" e já dansei com Carmen Santos em "Sangue Mineiro", continuei, em Hollywood a minha carreira artistica figurando no film de Olympio. Não sei o que estava fazendo. Olympio não gosta de ensaios.

Afinal, valeu por reportagem e nesse dia tive occasião de encontrar Lola Salvi — Marcella Battelini — que já embarcou para Italia.

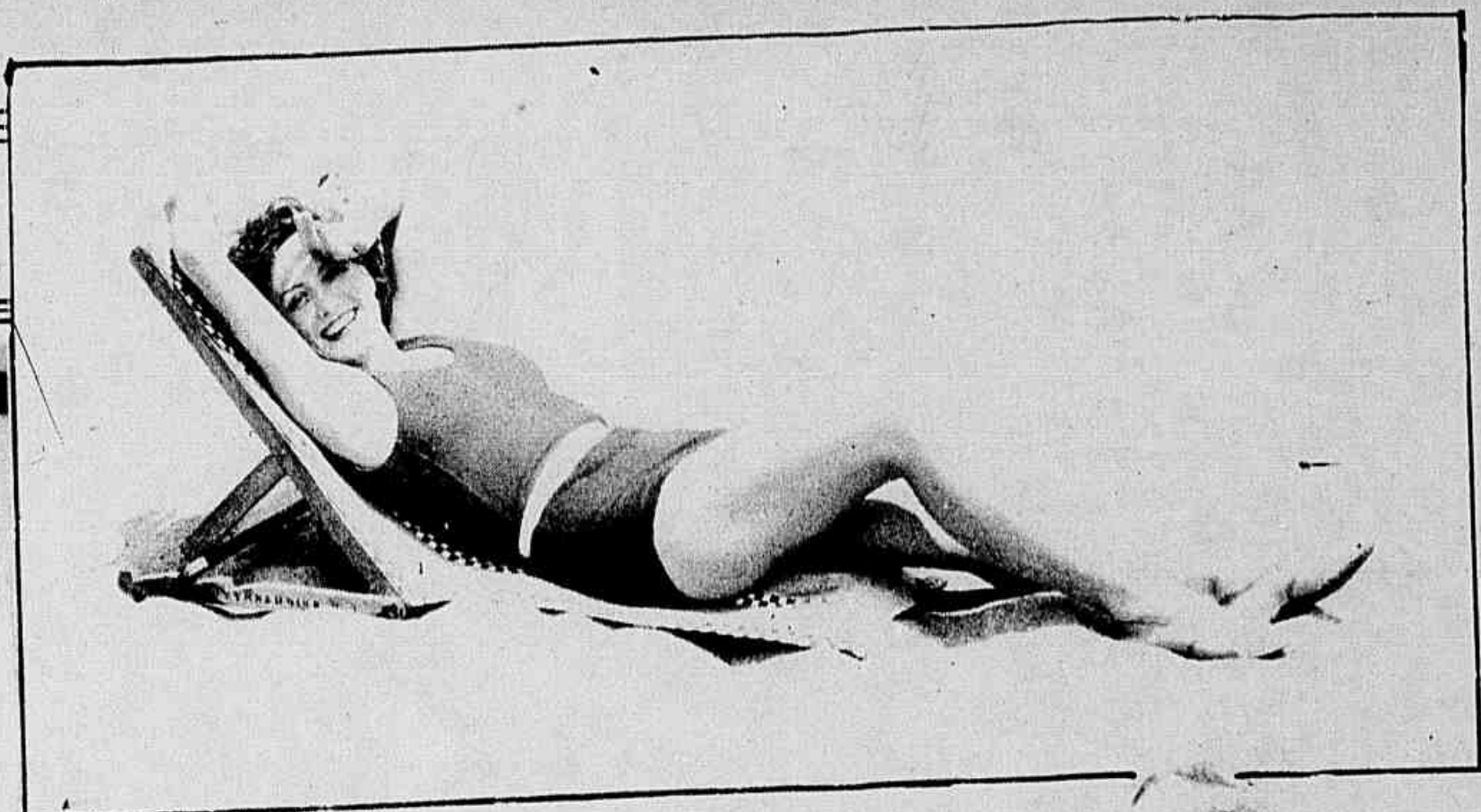
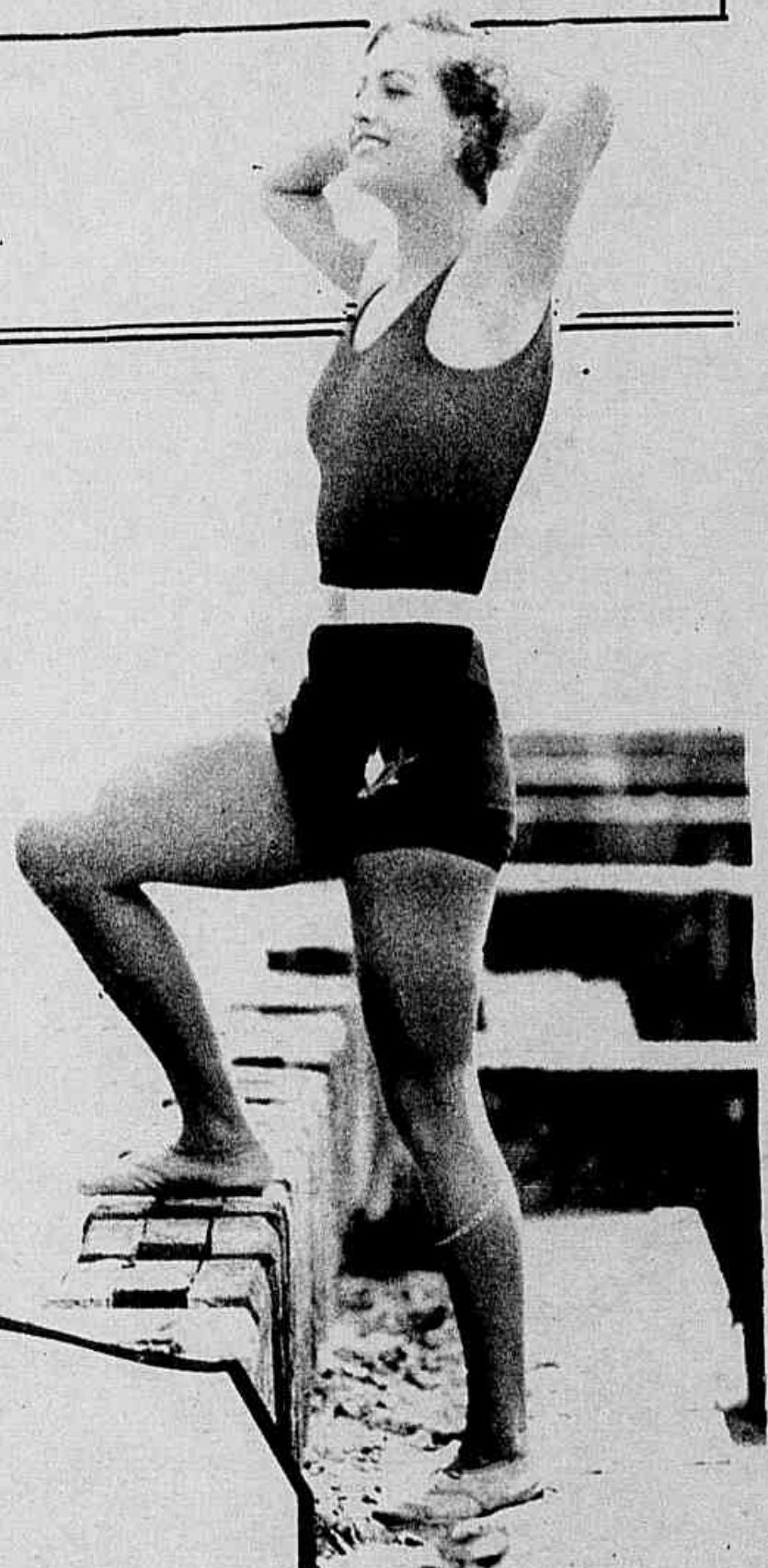
Ella tem um papel importante no film. E' boazinha, simples, timida e parece muito ingenua. Não pude conversar melhor com ella porque durante todo o tempo esteve trabalhando.

* * *

Por diversas vezes já encontrei Charles Morton. Uma dessas noites vi-o num "drug-store" da esquina mais proxima — os "drug-stores" estão sempre na esquina! — com um casaco pesado e o cabello desalinhado como sempre. E' bem mais sympathico que na téla.

(Termina no fim do numero)

GONZAGA E LIA TORA' cujo proximo film será "O preço de uma brincadeira" e talvez venha ao Brasil para começal-o.

Cinema Silencioso...

JOAN
CRAWFORD
FAIRBANKS JR.

A
SEREIA
DE
MALIBU'...

A
POLICIA
JA'
FOI
EM
CASA
DELLA
"SABÊ"...

John Gilbert meu verdadeiro amor...

COMO se explica que eu tenha encontrado o meu verdadeiro amor, com tres semanas apenas de conhecimento? — fala Ina Claire. A resposta é simples: quando surge para nós a aurora do amor, não se faz mister esperal-a mezes nem annos. Quando John me falou que me queria para esposa, senti subitamente que eu havia afinal encontrado aquillo que fôra o meu esquivo sonho — um verdadeiro grande amor. Nós somos muito felizes, e essa felicidade não se ha de interromper. Oh! tenho d'isso a certeza. A minha vida está toda ahi.

"O que mais me impressionou durante os primeiros dias do meu conhecimento com John Gilbert? A sua mentalidade. Posso affirmar honestamente que elle é o gentleman mais brilhante e polido que jamais conheci. E um idealista, e eu descobri que tinhamos muitas idéas em commum.

John Gilbert, actor, é tão differente do John Gilbert, marido, como o dia é differente da noite. Só uma coisa commum existe entre esses dois Gilberts — a galanteria. Aquellas attitudes de "seduzo-as e as abandono" que elle assume deante da camara são "poses" apenas para o publico. No fundo elle é um convencido de que o amor da mulher é a maior dadiva de Deus á humanidade.

JOHN NUNCA ME BEIJOU DA MANEIRA POR QUE BEIJA AS SUAS COMPANHEIRAS DE TRABALHO...

"O casamento precipite de Nevada — um rapto quasi, dir-se-ia — foi uma coisa tão estranha ao verdadeiro John Gilbert como as suas caracterizações na téla. O amor e o matrimonio, para John são coisas sacratissimas — coisas que não podem ser tratadas levianamente. Mas quando John me propoz casamento e eu consenti não poderiamos ver nenhuma razão plausivel para um longo noivado. Temos idade bastante e bastante experiencia da vida para saber o que queremos. Ambos nós sentimos que o amor havia surgido para nós.

"De accordo com a lei da California, os noivos só se podem casar tres dias depois de haverem solicitado a respectiva licença. Acontecendo que John tinha dois dias de folga no Studio e que ao cabo de quatro dias começaria eu a trabalhar, resolvemos fazer a viagem nocturna a Nevada.

"Alguns amigos nossos, quando lhes communicamos os nossos planos, suggeriram-nos a idéa de virmos a Agua Caliente, no Mexico, que era mais perto, mas John não concordou com o conselho. O casamento significava qualquer cousa mais do que uma simples cerimonia realizada nas visinhanças de um casino de jogo da fronteira."

A jornalista a quem Ina Claire narrava o seu pequeno romance, diz que nesse ponto a conversa foi interrompida pelo tilintar do telephone. Era John Gilbert que telephonava á esposa para perguntar-lhe si ella ainda o amava. Eram 12,30 da manhã e elles se haviam separado apenas ás 9,30.

Depois, deixando o apparelho, Ina Claire informou á sua interlocutora que John estaria ali dentro de poucos minutos.

A jornalista indagou, então, o que pretendia significar quando dizia que John tinha uma dupla personalidade.

"Como já lhe falei, eu apenas o vi em dois films", respondeu ella, mas até agora não o achei em ponto algum parecido com o typo que elle incarna no film "Anna Karenina", em que Garbo é a sua companheira.

"Ali elle foi amante orgulhoso sophisticated e, segundo me pareceu, inexcedivelmente galante com o permittir, de caso pensado, que Greta Garbo tirasse todos os effeitos de um film que era de direito seu. O John Gilbert que eu conheço nada tem de orgulhoso, é antes um timorato. Não é o frio "sophisticated" que se mostra na téla; ao contrario, é um rapaz cheio de doçura e amavel. Quanto á galanteria, porém, é o mesmo homem, tanto no "screen" como fóra d'elle.

"Ahi tendes a sua dualidade de personalidade. O publico tem visto uma das faces de John Gilbert, e não é esta certamente á que eu conheço melhor.

"A's vezes, quando se é mais joven, a gente confunde uma simples impressão com o amor. Ha uma grande differença: a primeira raramente perdura, o segundo fica".

E a proposito dos beijos de Gilbert, informa Ina Claire:

"John nunca me beijou da maneira por que beija as suas "leading women". Os beijos da téla são os beijos de paixão e não de affeição. Mas creio que emquanto o publico preferil-os John continuará a fornecer os seus beijos apaixonados á téla. Entretanto, quando elle começar a trazel-os para casa, ficarei sabendo que o seu amor entrou a empallidecer. Estou todavia convencida de que esse dia nunca chegará".

Ina Claire informa que havia projectado fazer tres films e, depois, voltar ao seu trabalho no palco. Mas isso foi antes de conhecer John Gilbert.

"Não é sem difficuldade que a gente abandona uma coisa cuja conquista custou o nosso esforço, mas o ser astro da scena é uma satisfação que passa quando posta ao lado duma condicção matrimonial feliz. Não creio que me causasse prazer deixar completamente de trabalhar, mas creio que poderei esquecer o palco, onde sou mais conhecida, e contentar-me com a téla, emquanto isso fôr a garantia de que eu e John vivemos juntos".

John continuará como casado a viver na sua casa de solteiro em Beverly Hils, pois elle gosta daquella residencia pelo isolamento que lhe proporciona a vida naquelle monte, e isso está muito de accordo com as minhas idéas de um lar tranquillo", explica Ina.

Nesse ponto a porta do aposento abriu-se e John Gilbert appareceu de barba crescida e mettido numas roupas grosseiras de camponez russo — camisa preta, botas rudes — o seu papel em "Redemption".

Adeantou-se e olhou, primeiro, para Ina e em seguida, para mim.

O sangue subiu-lhe ao rosto.

Tomou elle a esposa nos braços e plantou-lhe nos labios um daquelles legitimos beijos de Gilbert? Não, absolutamente. Mas Ina comprehendia. Aquelle rubor que coloriu as faces do esposo valia para ella muito mais do que o

(Termina no fim do numero)

Eu, exotica? Se fosse assim, matar-me-ia!

GARBO

traz dessa exotica personalidade? Falando de si mesma, certa vez, Greta disse: "Eu, exotica? Qual! si eu fosse assim matar-me-ia!"

Eis a razão por que Greta Garbo não é um successo social em Hollywood, a razão por que das poucas vezes em que tem comparecido ás reuniões hollywoodenses desaponta e desillude. Greta é tão desconhecida na colonia cinematographica como o é nas legiões de "fans" que apinham os Cinemas que exhibem os seus films.

Todos esperam, vêr a mulher da téla.

E em vez, só vêem uma moça timida, que não diz as graças sociaes mais communs, que só diz o que pensa, e que mostra um profundo desprezo pelas cousas superficiaes.

E' um desapontamento geral.

Greta limita-se a dizer: "Não é em mim que elles estão interessados. E' em Greta Garbo, a estrella".

A admiração popular só tem valor para si quando é tributada á sua verdadeira individualidade, á sua pessôa, sem o brilho que lhe dão os seus desempenhos e a sua belleza photographica. Tudo o que lhe cheira a adulação é posto á margem. E' uma mulher genuinamente honesta. Jack Dempsey é uma das pouquissimas outras pessôas que pensam assim. Chaplin, tambem.

Todos tres conheceram a mais terrivel pobreza e as mais desesperadas lutas.

Nos olhos de Greta Garbo está a desillusão da mulher que escuta no seu coração as vozes dos seus amigos gritarem: "La Reine est morte. Vive la reine!"

Certa vez realizou-se uma festa — uma dessas brilhantes reuniões como só se dão em Hollywood — a que compareceram John Gilbert e Greta Garbo. Antes da sua chegada todos os outros convidados já estavam presentes. Entre elles notavam-se as maiores figuras da colonia.

De repente, alguem disse que Greta se approximava. Todos se puzeram na ponta dos pés sem respirar. Greto Garbo, a mysteriosa, a enigmatica chegava! Uma hora depois ella entrou.

Foi como si de repente se gritasse que ella não mais viria. O leão não rugia como se esperava...

Onde estava a tentadora "vampiro?" a mulher sensual? a sereia audaciosa?

Todos viram apenas uma mulher commum, vestida vulgarmente.

Ella não tem paixão pelos vestidos.

As luxuosas "toiletres" que enverga nos seus films esquece-as, as mais das vezes, no armario do camarim, até que sejam uteis a alguem

Este é o mais importante e interessante artigo até hoje escripto sobre Garbo, a mysteriosa. Especial para "Cinearte".

Garbo continúa a ser Garbo...

Ninguem sabe de onde ella veiu.

Ninguem sabe para onde ella vae.

Em meio a um deserto de solidão ella ergue-se como a unica figura realmente mysteriosa de Hollywood. Garbo.

Ha apenas um meio para se escrever sobre esta mulher: a unica que domina a imaginação do publico norte-americano e lhe faz vibrar os sentidos — a unica capaz de com um só gesto tocar toda a escala das emoções humanas, a criatura divina que fóra da téla escapa aos olhos curiosos do publico envolvendo a sua belleza em pesadas vestes masculinas e se livra das analyses psychologicas abrigando-se num silencio protector.

E' tratal-a como um mysterio.

Ninguem a conhece.

Ninguem, nem mesmo John Gilbert, a quem ella uma vez amou. Nem mesmo os seus directores. Só ella, de todas as mais raras personalidades de Hollywood tem conseguido escapar aos raios do gigantesco fóco perscrutador que o mundo assésta permanentemente sobre a Cinelandia. Ella, a sueca alta, de inglez vagaroso e imperfeito, de passos agigantados e olhar firme e recto é a unica mulher que conseguiu emergir no mar das estrellas sem revelar a sua alma, nem a sua biographia.

Todos aquelles que se aclimatam em Hollywood soffrem uma transformação.

Garbo continúa a ser Garbo.

A Greta Garbo da téla é criatura de uma dimensão. Os milhões que a adoram conhecem-na bem. Elles sabem de cór cada movimento do seu delgado e fascinante corpo, cada expressão do seu rosto bello, impressionante. Mas nem um delles ainda a viu realmente.

Greta Garbo nunca misturou a sua personalidade comsigo mesma. Ella é uma criação da "camera".

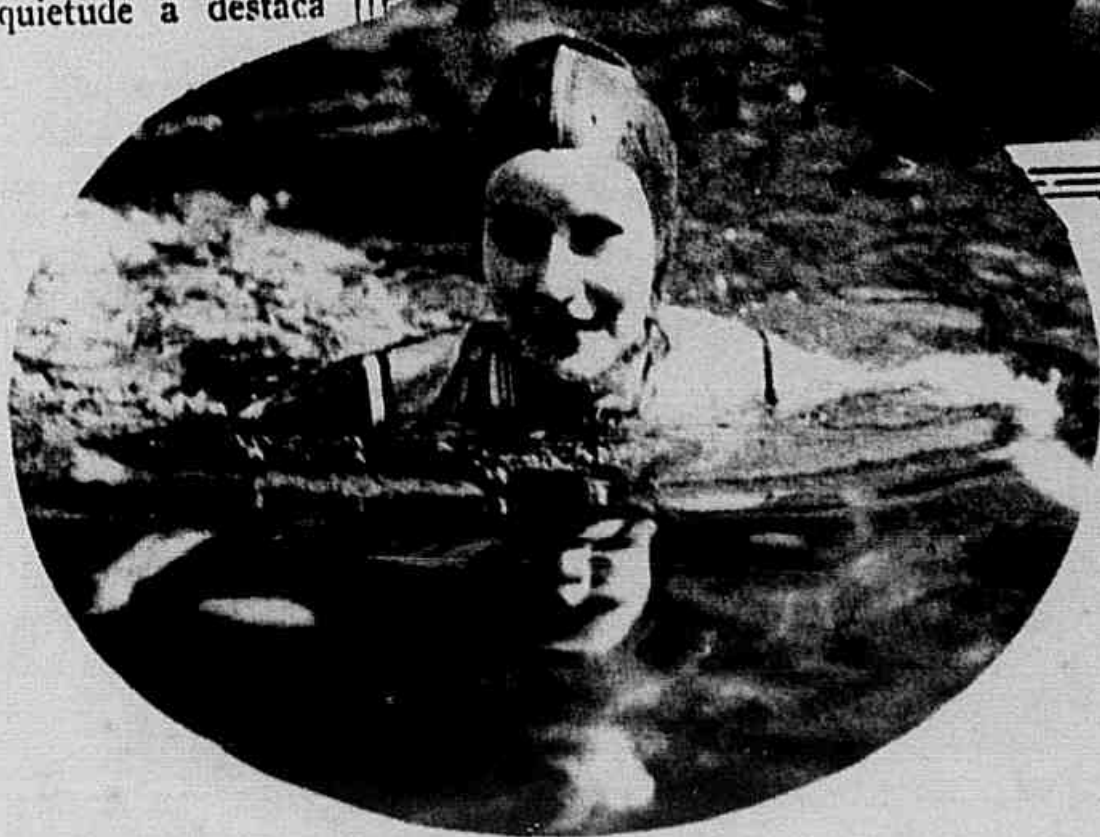
Que existira de-

O Mysterio De Hollywood

mais Não se pinta quando sáe do alcance da "camera." Muito quieta, o seu inglez ainda tem muitas imperfeições; ella é, naturalmente, uma criatura que ama o silencio; não tem nem uma das qualidades "reanimadoras" que caracterizam tantas pequenas de Hollywood.

Não admira, pois, que a reunião tenha soffrido duramente. "Todos me olhavam como si eu fosse um "animal" — disse ella.

E no entanto, estamos certos que si alguem interrompesse Greta e lhe dissesse que do outro lado da porta estava um operador girando a sua "camera" e lhe pedisse para representar como o faria num film qualquer, ella em poucos minutos conquistaria a reunião selecta como conquista os seus *fans*. Mas isso não está no seu temperamento. Ella nunca representa fóra do "set" — cousa estranha em se tratando, de uma artista e mesmo de uma mulher, pois é sabido que todas as mulheres são, umas mais, outras menos, artistas natas.

Ella nunca faz parte da "gang" nas reuniões de tennistas que John Gilbert dá em sua residencia, aos domingos. Um ar de extrema quietude a destaca

Ella abandonou um jantar na casa de John Gilbert.

em qualquer companhia. Passa horas e horas na praia deitada, no seu banho de sol, indifferente, molle, parecendo mais uma pequena do povo na sua roupa de banho larga e modesta, com o rosto meio occulto por um grande chapéo de palha. De quando em vez vae numa corrida ao córte de tennis mais proximo e disputa duas ou tres partidas como uma campeã não o faria. Feito o que torna á praia, ao seu socego e ao leito fôfo da areia.

A's vezes vae á casa de Lilyan Tashman, em companhia de John Gilbert. Em torno da formosa Lilyan reune-se sempre uma turma selecta de intellectualidades de Hollywood. Greta deixa-se ficar por traz de todos, escutando o que dizem e comendo os famosos dôces da dona da casa; e em meio ás conversas ella levanta-se e retira-se.

(*Termina no fim do numero*)

A CARTA

(THE LETTER)

Leslie Crosbie	Jeanne Eagels
Robert Crosbie	Reginald Owen
Geoffrey Hammond	Herbert Marshall
Sra. Joyce	Irene Brown
O Dr. Joyce	O. P. Heggie
Li-Ti	Lady Tsen-Mei
Ong Chi Seng	Tamaki Yoshiwara

FILM DA PARAMOUNT

COM a chegada do casal Crosbie á Singapura, o marido como chefe das grandes plantações de borracha de um syndicato inglez, todo o scenario ambiente, engalanado pela vegetação luxuriosa dos tropicos, tomava ares de terra encantada aos olhos sedentos de novidade da bella e joven esposa de Robert Crosbie. Acostumada á vida metropolitana de Londres, com os seus theatros de luxo da West End, seus clubs chics, suas rodas sociaes, aquillo ali, ás portas de um mundo deconhecido, era-lhe um espectaculo novo e de todo pittoresco.

Mas a alma humana soffre transformações radicaes, principalmente nas mulheres, passando de uma affeição a outra, modificando da noite para o dia o ponto de convergencia de uma dada predilecção. Passado algum tempo, pois, Singapura, para Leslie, já ñão era a mesma. Nenhum encanto encontrava a esposa de Robert nas festas nativas, nos bazares, com suas dansarinas e musicas orientaes, que faziam o delei-

te de marinheiros e colonos inglezes. A cadencia de suas canções, a sua toada somnolenta, inebriante, como que narcotisavam a sensibilidade esthetica da bella ingleza.

O marido, já affeito á existencia dos tropicos, pouco soffria com a troca de scenario. Para elle Londres e Singapura eram a mesma cousa. Um representava a utilidade faustosa dos capitaes ganhos na colonia; o outro era a materia prima, a mina bruta de onde sahia o ouro para a ostentação londrina. Só lhe importavam os negocios.

Sem sympathias, pois, de parte do marido, cêdo começou Leslie, como a Bovary de Flaubert, a procurar um coração isolado naquelle ermo, sequioso de amor como o seu, que quizesse partilhar com ella horas de mais amena existencia. Geoffrey Hammond, um inglez amigo da familia, a quem a caça da fortuna levara ás plantações britannicas do oriente, fez-se objecto das sympathias de Leslie.

A principio, impunha-se a amizade por esses pequenos nonadas de que se tecem os grandes amores; depois, em mais abertas manifestações de affecto, e por fim chegaram áquella eclosão de alma em que se perde a conta dos beijos e não se considera o valor das responsabilidades. Com as repetidas viagens de Robert ás plantações, tinha Leslie a liberdade necessaria para, naquella solidão da colonia, viver com seu amado as paginas mais felizes e febris de sua vida.

Depois de algum tempo, sem que suspeitasse o marido de sua verdadeira causa, começa a esposa a soffrer certas preoccupações de espirito. Fora-se-lhe a alegria da vida. Tinha momentos de brusca indifferença, de apathia mesmo. Robert, como era natural, julgava que era o logar que entediava a esposa, e começa a fazer planos de uma viagem de recreio.

Entretanto, o que tanto confrangia a esposa de Robert Crosbie não era a monotonia do logar; o que a mortificava, o que a fazia ver a vida em tons tão lugubres era a subita e inexplicavel ausencia de Geoffrey, o seu amante, que, como ella sabia, estava agora de amores com outra mulher. E para mais espesinhar o coração de Leslie, essa mulher não era uma branca como ella, mas uma chineza vulgar, dona de um dos bazares de diversão do logar. Oh, o conhecimento daquella amarga verdade matara-lhe a illusão! Leslie vira os dois, na rua, em alegre passeio, e desde então, confirmado o facto pela ausencia de Geoffrey, nunca mais teve calma o seu coração de romantica! O seu crime, a sua infidelidade, não lhe parecia crime emquanto estava de posse do objecto de seu encanto. Mas agora, ao ser abandonada, ao ser preterida por uma mulher "inferior", todo o orgulho de sua alma se levantava em protesto. Já não era uma mulher rebellada contra a ingratidão de um homem irresponsavel: era todo o orgulho de uma raça, o sangue rutilante e puro dos britannicos que recusava como um crime aquella ignominiosa união!

* * *

Certa manhã, ao sahir Robert para uma de suas viagens de inspecção aos seringaes, corre a impaciente esposa á sua escrivaninha e escreve, numa descarga de nervos, uma carta dictada pelo cerebro em braza. Subscreve-a com o nome de Geoffrey Hammond, e chamando um creado chinez de sua confiança, encarrega-o de entregar a missiva nas mãos do destinatario.

Impaciente, visivelmente preoccupada, espera Leslie em sua bibliotheca o resultado daquella desesperadora mensagem.

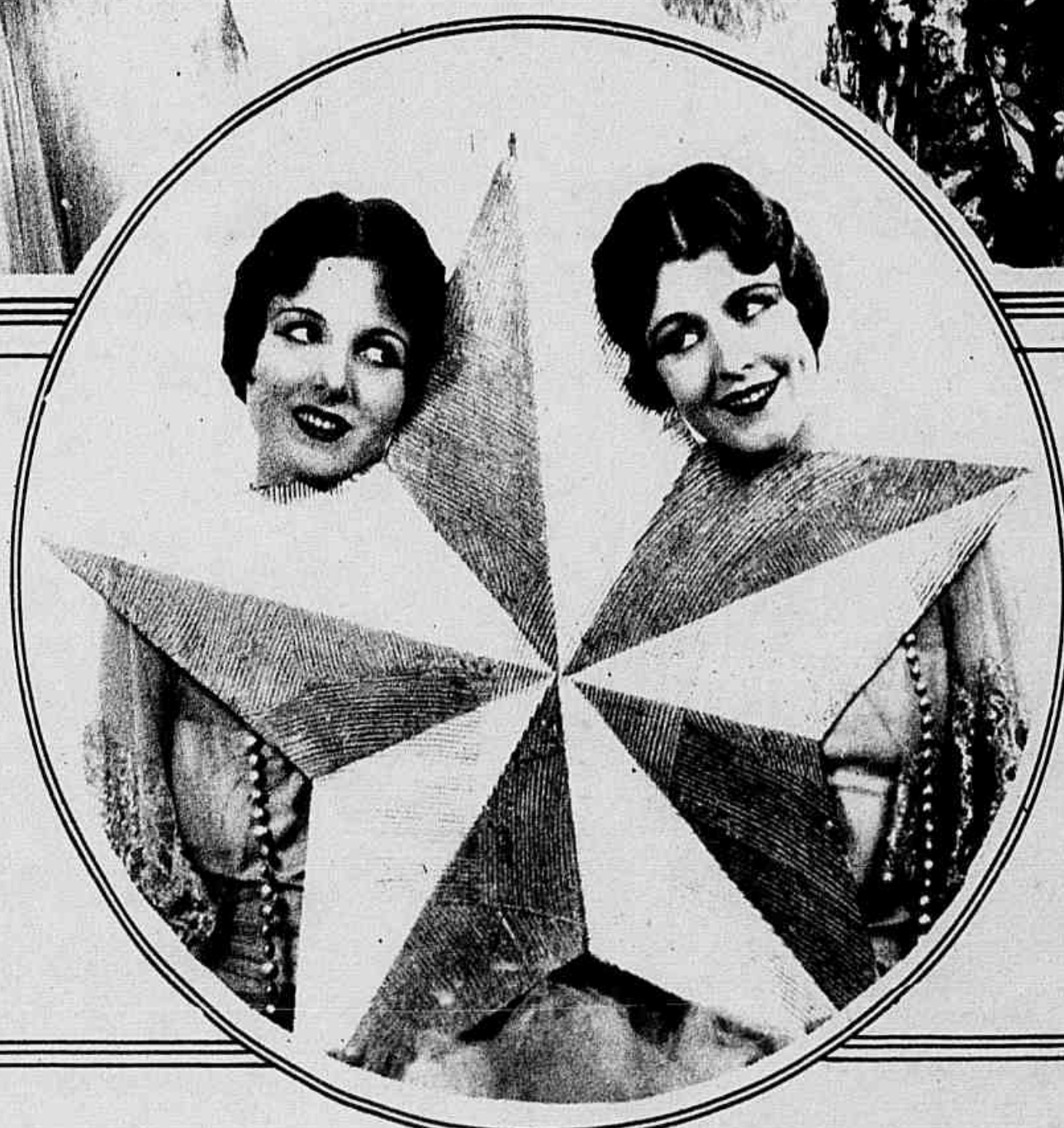
Ao chegar o mensageiro com a carta, Geoffrey se acha no bazar de Li-Ti, uma cortezã chineza de grande nomeada na sua roda, com quem o dissipado colono inglez mantém agora inconfessaveis relações.

Geoffrey, semi-ebrio, recebe a missiva de sua ex-amada, emquanto Li-Ti, toda curiosida-

(*Termina no fim do numero*)

Mary Astor

JA TINHAM NOTADO A SEMELHANÇA?

SÃO PARECIDAS...

MAS DIFFERENTES...

O Palhaço

(Escripto especialmente para "CINEARTE" por Olympio Guilherme).

As grandes noticias nos chegam, geralmente, por telephone. E quando hontem recebi communicação de que iria ser submettido, hoje, a uma grande prova cinematographica nos "studios" da Fox — quasi perdi os sentidos. Fiquei idiota de alegria. Pensava na formidavel opportunidade que iria ter, nas possibilidades de um successo estrondoso — e depois de poucas horas — já contava certo com a tremenda victoria que me iria enlouquecer dentro de poucos momentos. Quem trabalha para o cinema tem desses instantes. Felizmente...

A noite passei-a mal. Não podia dormir. Pensava na prova, na grande prova do dia seguinte. Pela mente perpassavam os meus vinte e dois mezes de Hollywood a aguardar por uma opportunidade, esses vinte e dois mezes cheios de labuta e de lutas terriveis. Depois via o producto do meu trabalho, revia o meu film "FOME", o applauso de toda a Imprensa e de todos os criticos americanos. E uma idéa providencial veiu esclarecer o que me parecia duvidoso e inexplicavel: a Fox, naturalmente, lendo o que sobre "FOME" a imprensa dizia, enthusiasmada pelo meu recente triumpho, encorajada por essa victoria pessoal que ainda estava molhada da tinta dos jornaes — a Fox, afinal, arrependida e bôa, se convencera de que eu poderia bem ser alguma cousa mais do que simples figurante — e eis a prova!

A entrevista estava marcada para as dez horas da manhã. A's seis estava eu com o "make-up" nas mãos. Nunca em minha vida me barbeei com tanta paciencia. Nunca com mais cuidado e attenção maquillei o meu rosto. Jamais o frizo da calça conseguiu chamar tanto a minha observação. E quando faltava um minuto para as dez — batia no escriptorio do Assistente Torough, que me havia requisitado.

Apenas entrei o homem levantou a cabeça despenteada do caderno em que escrevia e atirando-se para traz da cadeira de molas iniciou o seu exame. Eu sério... Compenetrado. E já ia aquillo durando muito tempo quando elle se deu por satisfeito. Elogiou o "make-up" e disse que eu poderia ter vindo com qualquer roupa, mesmo, porque ia fazer a prova com uma fantasia. E fomos ao vestuario. Pelo caminho minha alegria tomou proporções imprudentes. Cheguei a cumprimentar com prazer um judeu russo que sempre me causou nauseas. E na curva do jardim — arranquei mesmo um cravo do canteiro!

Uma das melhores photographias de Olympio na sua caracterização do film "FOME".

OLYMPIO GUILHERME E MARCELLA BATTELINI (LOLA SALVI) NUMA SCENA DE "FOME"

No "guarda-roupa" esperava-me um tal Bil Boardman, sujinho, de oculos de ouro e aspecto sordido. Olhou-me demoradamente, medindo-me mentalmente, escreveu alguma cousa n'um caderninho azul e revirando os olhos berrou para a sobre-loja:

— "Trinta e nove"! E depois de uma pausa em que coçou a guedelha com a unha preta do mingo: — "Com flôr amarella"!

Dois minutos depois uma sirigaita trazia o "trinta e nove" com flôr amarella. Era uma fantasia de palhaço. Uma calça enorme, de quadros brancos e vermelhos e um casacão immenso onde cabiam tres gerações. E com "flôr amarella", sim, um girasol phenomenal, de papel de seda, grudado á altura da lapela. Depois trouxeram uma cartola côr de cinza, pequenissima para mim, desageitada e poeirenta — acompanhada de uma bengala com o castão de chumbo amoldado.

Minhas esperanças, decepadas pela metade, ainda estavam de pé. Iria fazer um clown, era verdade, mas talvez um palhaço interessante, original, espirituoso, muito dramatico e sobretudo muito sentimental...

Por excesso de zelo — chamei a attenção do typinho de oculos para os meus bigodes. Elle olhou demoradamente para os meus olhos e coçando a cabeça, sorriu mysteriosamente de tamanha ingenuidade. Essa era bôa! Então não havia no mundo inteiro um palhaço com bigodes!? Que tolice a minha! E ria de lado — para esconder uma carie repugnante.

Já estava atrazado quando cheguei ao "set". Todos esperavam. Quando appareci — ouviu-se uma gargalhada geral. E isso agradou-me profundamente. Significava que eu estava fazendo um palhaço com certa arte...

As camaras foram focalizadas. As luzes brilhavam. Tudo estava prompto para o "shooting". Eu, no centro do scenario, ansiava pelas ordens do director do "test" — um mo-

(Termina no fim do numero).

Cinema de Amadores

OS FILTROS, O IRIS E AS MASCARAS

A moda é voluvel, tanto, ou mais ainda do que a mulher. E, assim sendo ella aborda, com esse caracter de volubilidade, todos os campos da actividade humana. E' difficil formular uma resposta satisfactoria para a eterna questão que se resume nessa phrase: "Porque será que tudo tem "a sua moda?"

E' verdade que um estylo novo, uma "nova" moda traz um sopro de novidade a tudo, neste mundo. Por mais positivas que sejam as virtudes de um facto ou de uma obra, desde que a monotonia causada por uma especie de repetição constante desse facto ou dessa obra faça a sua apparição, aquellas virtudes mencionadas acima terão fatalmente que desapparecer aos olhos cansados do observador.

A Industria Cinematographica tem passado por innumeros estylos, por uma avalanche de modas, por uma quantidade de modificações. A' procura de uma novidade para o Cinema tem sido a causa do abandono de muitas idéas verdadeiramente bôas, assim como de accessorios technicos, embora estes mantenham ainda o seu uso constante, quando são necessarios. Esse campo da actividade humana, que é o Cinema, tendo as suas modas, ha de forçosamente produzir as victimas dessas modas, mas o certo é que tem de seguil-as, e o Cinema Falado parece ser a ultima dessas modas. Mas isso se dá com o Cinema propriamente dito, ou melhor, o Cinema Profissional. O Cinema de Amadores, não dependendo de um publico, e dispondo por isso de mais liberdade, está apto a reclamar para si esses accessorios abandonados ou sacrificados á moda, e adapta-los para seu proprio uso.

Vemos hoje, nos films que se projectam nos Cinemas, o antigo abrir ou fechar do iris com a mesma frequencia de antigamente? O "auto-dissolve" ou por outra, aquelle apparelho de produzir a dissolução do quadro, supplantou de tal modo o antigo iris, que este hoje é quasi um accessorio sem applicação. No entanto, quando usado com intelligencia e bom-senso, o iris é um dos accessorios mais valiosos que nós temos.

O iris, um apparelho mechanico, perde grande parte do seu valor si é usado sempre com o seu centro em relação com o eixo optico da camara. Depois de annos de experiencia, o cineasta conseguiu realizar o iris deslocavel em combinação com uma caixa para mascaras. Esse resultado ainda é a melhor solução conseguida para a questão dos chamados "effeitos", e varia muito, quanto á fórma, visto que depende da casa que o fabrica. No entanto, certos amadores preferem construir o seu proprio "iris de combinação" (como se diz) de accordo com as suas preferencias. Em resumo esse apparelho deve comportar um iris de descentralização, isto é, cujo centro mathematico possa ser deslocado para qualquer lado sobre a superficie da objectiva, de uma combinação propria para receber ás mascaras de papel ou de celluloide (dois vidros de crystal seguros por uma moldura, por exemplo) e das garras ou adaptadores proprios para atarrachar o conjunto sobre a face da camara ou da objectiva.

O iris póde ser usado para separar as sequencias, na falta de um "auto-dissolve", mas nesse particular o "auto-dissolve" lhe é sempre superior. Aliás é esse o uso que se faz dos pequenos iris adaptaveis ás camaras de amadores, porque estes ultimos abrem e fecham sempre no centro mathematico do quadro.

O iris tambem é usado para emmoldurar uma composição artistica. Os "close-up" são sempre desagradaveis quando occupam o centro mathematico de um quadro, em symetria absoluta com os bórdos desse quadro. Para este caso, a mascara de diffusão, feita em um pedaço de celluloide cinzento, com uma abertura redonda no centro, não seria sufficiente; e a mascara de papel negro daria um resultado muito brusco. O melhor seria abrir o iris até o extremo, mas sem tocar nas bórdas do quadro e, appôr então a mascara de diffusão, com uma abertura menor, concentrica á do iris. O resultado seria um "close-up" artistico apresentado em que um circulo, cujos bórdos se esfumaçam suavemente.

AS ABERTURAS PRODUZIDAS NAS MASCARAS PODEM SER CORTADAS RENTE...

O iris é ainda usado para chamar a attenção sobre uma parte da scena. A' distancia, um homem corre em direcção á camara. O iris abre-se para mostrar a imagem desse homem, a qual vae crescendo á proporção que elle se approxima. Ahi então, o iris abre-se completamente, e vemos então um fundo que estará naturalmente de accordo com a acção do homem correndo. Essa pratica requer cuidado, mas não é vedada a qualquer amador consciencioso.

O iris usa-se, ou usou-se muito para a apresentação dos personagens. Isto é velho. Todos sabem que hoje o iris está quasi abandonado, mas elle póde ser usado pelo amador para essas apresentações, principalmente quando a continuidade não é justamente aquillo que se poderia desejar.

O film abre com uma scena em que os actores principaes, ou um grupo delles, conservam animadamente. O titulo explica o nome e o papel do actor principal. O iris abre-se o sufficiente para mostrar esse actor e assim completar a apresentação. Depois o iris abre-se de todo, mostrando todo o grupo.

As utilidades que o iris póde offerecer bastam para recommendal-o ao amador. Supponhamos que precisamos apresentar uma personagem nervosa, inquieta, indecisa. Para o actor-amador, é difficil reproduzir correctamente essas emoções. Mas imaginemos um pequeno iris abrindo-se, em baixo e á direita, para mostrar uma mão batendo nervosamente com a ponta de um lapis sobre uma secretaria. Mantenhamos o iris assim durante uns 10 segundos para evitar uma reacção sobre o "suspense" causado pela emoção, e então abrimos o iris para mostrar o actor, parando de bater, saccudindo para longe o lapis, tomando a cabeça entre as mãos num signal de desespero. O actor-amador fica assim livre da obrigação de reproduzir emoções difficeis.

OU ENTÃO TERMINANDO EM UMA ESPECIE DE FRANJA NAS BORDAS INTERIORES DA ABERTURA.

A caixa de mascaras está tão intimamente ligada ao iris, que muitas vezes confundimos uma com a outra. As caixas mais modernas contém mascaras que possam ser usadas com o adaptador corrente e commum, ou com o que se chama o "filtro para effeitos", o qual não deve ser confundido com o filtro de luz. O filtro de luz e só deixa passar certos raios de determinadas côres. O filtro para effeitos actua sobre toda a luz em si e apenas retarda a acção da luz, quando ella passa atravéz de uma parte ou de todo o filtro.

As mascaras pódem ser feitas facilmente em casa. O material usado nas mascaras feitas em casa póde ser papel preto, celluloide amarello, film commum banhado em uma solução concentrada de iodo, e depois fixado, ou então celluloide de côr matte.

As aberturas produzidas nas mascaras podem ser cortadas rente, ou então terminando em uma especie de franja, nas bórdas interiores da abertura. Essa franja é mais propria para effeitos convencionaes, em contraposição ás mascaras imitando um telescopio, um binoculo, uma fechadura, e assim por diante.

Um molde é feito, de cartão fino, cortado nos limites do adaptador para mascaras. Sobre esse molde a abertura a ser feita é desenhada e cortada. Feito isso, usa-se esse molde para cortar todas as mascaras, feitas do material que se deseja. Supponhamos que precisamos fazer uma mascara de diffusão matte, com abertura circular. Toma-se o molde, e corta-se o celluloide matte do tamanho do molde. Depois traça-se sobre o celluloide a fórma circular da abertura, no molde. Depois, concentrico a esse, traça-se outro circulo, mas que não toque as extremidades do quadro. Corta-se o circulo menor, e então produz-se uma especie de franja, do circulo menor para o maior, a qual dará aos limites da abertura da mascara um tom velado, artistico. O mesmo processo serve para qualquer especie de mascara, á qual se queira dar um tom diffuso, nos bórdos.

A côr acinzentada do celluloide matte produz uns bórdos cinzentos, quasi escuros mas não pretos, definidos como no caso da mascara opaca, de papel preto.

Essa mascara de papel preto produz uns bordos totalmente pretos, o que é desagradavel, além de modificar, apparentemente, o tamanho da imagem, no quadro. Assim pois, a diffusão da mascara de celluloide e é muito mais pratica.

Quando o celluloide é amarello, a mascara actua como um verdadeiro filtro; essas mascaras de diffusão devem sempre ser usadas com os bórdos franjados, porque sinão os limites da abertura ficarão definidos muito bruscamente.

Uma diffusão artistica póde ser obtida quando se photographa atravéz de uma téla de arame muito fina, ou de um pedaço de seda estendido n'um supporte. A seda branca produz o effeito de um nevoeiro londrino, ao posso que a seda negra apenas, produz a diffusão de

(Termina no fim do numero).

Jeanette Loff

(PATHE)

Cineart

e

Bessie Love

CINEARTE

GRACIA MORENA
BENEDETTI FILM

Cinearte

JOHN
GILBERT
M.G.M.

Cinearte

MENJOU - tal qual é

Adolpho Menjou é um dos astros de bilheteria que, mais do que nenhum outro, tem um activo regular de films realmente bons. Não ha outro luzeiro da téla que possua um programma, de films mais intelligente e films mais bem executados. Sem possuirem a expressão dolorosa das creações russas, as producções de Menjou são divertimento para adultos. As suas comedias não offerecem opportunidade para as boas gargalhadas, destinam-se a divertir e satisfazer platéas intelligentes. Mas a despeito d'isso constituem fontes de receita consistentes.

Menjou sabe, e é o primeiro a concordar, que tem no seu activo varios bons films, mas não se illude procurando acreditar que são grandes films. Elle é de opinião que os grandes films são coisas que occorrem la uma vez ou outra, com annos de interregno, e accidentalmente. Além d'isso lhe parece ridicula a pretensão de se elevar o Cinema á categoria de uma arte. O Cinema diz elle, é uma contrafacção mechanica, um excellente negocio, do ponto de vista financeiro.

Menjou sente-se desolado quando faz um máo film, e refere-se a elle com a mesma franqueza que fala quando se trata de um film de valor. A falsa modestia e o enfatuamento indebito são peccados de que elle não tem a se penitenciar. No juizo sobre si mesmo, tanto quanto sobre os seus amigos e pessoas contemporaneas, Menjou procede com o mais claro discernimento e sem idéas preconcebidas. Não raro as pequenas vaidades de Hollywood soffrem os alfinetes da sua critica, mas, quando se surprehende nessas analyses ironicas, sente-se como que arrependido. Todavia, quando as criticas são feitas á sua pessôa, elle sempre as recebe com interesse. Adolpho Menjou é dotado de um espirito extraordinariamente vivo, e exprime-se com presteza e concisão. As suas opiniões são antes de tudo radicaes, expressas com tenacidade de argumentos, mas sempre de uma logica desconcertante. Para um espirito lento, é difficil acompanhal-o na rapidez com que elle desenvolve os seus pensamentos. Como acontece com todos aquelles que se acham sempre a frente dos outros no processus mental, nota-se em Menjou uma certa irritação contra a apparente lentidão de espirito, mas essa sua impaciecia nunca ultrapassa os limites da boa educação.

A sua energia nervosa é verdadeiramente incansavel, e isso explica a razão por que os films de Menjou são estudados, retocados e detalhados com toda a meticulosidade, de modo que, na media, bastam vinte dias de trabalho de camara para fazel-os. A despeito no emtanto, d'essa velocidade na producção, todos os films de Menjou são de uma feitura mais bem acabada do que muitos que levam dois mezes a serem feitos.

Menjou tem perfeita consciencia dos limites do seu "appeal", declarando que, visto não dispor elle dos recursos da belleza, do romanesco nem da mocidade, o seu successo depende do valor das historias a filmar. Preferido as altas comedias leves, elle procura apresentar-se com um typo de homem de apurada experiencia do mundo e de determinada seducção.

O studio concede-lhe a faculdade de vetar as historias e de escolher os elencos e o director para os seus films. Menjou gosta de sangue novo na sua "troupe" e considera que vale a pena tentar a experiencia com os novatos, dado o enthusiasmo fresco que elles trazem comsigo. As descobertas de Menjou nesse terreno têm atirado mais de um artista e director ás alturas do successo.

Espirito intelligente e de apurado discernimento, elle deplora a impossibilidade de se fazer um uso mais geral e melhor do cinema como meio de representações, mas acha que essa impossibilidade é um facto de natureza economica.

Elle se educou a acceitar as coisas taes como são e fazer o melhor que puder nas circumstancias difficeis que se apresentam, taes como uma fiscalização ignorante, exigencias mais ou menos absurdas do publico e a confusa politica dos studios.

Menjou é um adepto convicto do Cinema Falado.

Aquelles que entram em contacto mais intimo com Menjou, passam a estimal-o com a maior affeição; mas para os que apenas o conhecem e, portanto não se acham em situação de comprehendel-o, Menjou é uma figura antipathica. Amavel e cortez, Menjou não possue, entretanto, a affabilidade que o recommendaria aos democratas boulevardiers de Hollywood. Elle sabe d'isso, mas absotamente não se preoccupa em disputar os favores da opinião popular, tendo que isso não tem maior importancia.

Elle não mantém porta aberta, como é costume em Hollywood; não acha que constitua prazer e divertimento reunir muita gente em sua casa, gente mais ou menos estranha e que só serviria para lhe espezinhar o jardim. Da mesma forma, não faz parte dos seus habitos frequentar festas e recepções, passando horas bem enfadonhas quando é obrigado a corresponder a algum convite. Elle e sua esposa possuem um pequeno circulo de amigos intimos, e Menjou sente-se contente quando pode limitar os seus contactos sociaes a esse circulo.

Madame Menjou-Kathryn Carver — é é uma creatura loura e bella e uma serena força moderadora do temperamento excitavel do marido. Depois de ter sido uma encantadora companheira de varios films de seu marido, ella se retirou da téla de uma maneira mais ou menos definitiva.

Uma das principaes aversões de Menjou é

(Termina no fim do numero).

MENJOU DIZIA TUDO SEM FALAR. OS SEUS FILMS ERAM OS MAIS SONOROS, SEM TER BARULHO...

ADOLPHE E KATHRYN CARVER, SUA ESPOSA.

De São Paulo

EM "REGENERAÇÃO", RICHARD BARTHELMESS CANTA PELA GARGANTA DO SEU "DOUBLE" JOHNNY MURRAY...

(De O. M. correspondente de "CINEARTE")

Antes de começarmos os commentarios usuaes sobre os movimentos Cinematographicos da semana, façamos, ainda, algumas considerações sobre o Cinema falado.

E' a novidade que avassalou, num curtissimo espaço de tempo, todo o mercado Cinematographico.

Assim, vamos ás "ultimas" deste novo processo de Cinema.

Os jornaes, nas suas paginas de Cinema, estampam o seguinte trecho. Naturalmente pago.

" — O Cinema passou a ser um espectaculo de audição. Comportemo-nos nelle como na Opera. Silenciosamente.

Agora, os artistas cinematographicos falam e cantam, e precisam ser ouvidos.

A platéa deve ser rigorosamente silenciosa. O cinema evoluiu. Devem evoluir os habitos dos que vão ás fitas. Numa sala de cinema, não nos permittamos mais liberdades do que numa platéa de theatro lyrico.

Silencio: com a bocca, com os pés, com as poltronas.

Conversando, cochichando, durante um film sonóro, indispomos os visinhos dos lados, os visinhos da frente, os visinhos de traz. Não roubemos a ninguem o prazer de um espectaculo.

Já teriamos notado como é forte a bateria das musicas americanas que acompanham os films sonóros.?

Então, para que tamborilar com a bengala no chão ou com os dedos na poltrona?

Experimentemos quão agradavel é uma emoção sopitada, um prazer espiritual gozado em silencio. Não nos expandamos muito no cinema quando o film sonóro nos causa enthusiasmos.

Incommoda os vizinhos.

Isto está sahindo diariamente. Agora é prohibido conversar. E' prohibido tamborilar com a bengala ou com os dedos. Devemos nos comportar como se estivessemos no theatro lyrico. Não nos devemos indispor com os vizinhos. Devemos notar a força das baterias das musicas americanas. E, isto, diariamente publicado, acabará, por certo, como estes cartazes que a hygiene préga nas paredes...

São evoluções, bem diz o annuncio. No entanto, para o mesmo eu tenho um aparte: — por acaso, quando nas télas do São Bento ou do Odeon, quando exhibiram-se, nellas films como "Paixão e Sangue", "O super Homem", e tantos outros, silenciosos, alguem, na platéa, tamborilou com os dedos ou com a bengala ou commentou o film em voz alta? Absolutamente!

Durante a exhibição do portentoso film "Rei dos Reis", alguem, por acaso, conseguiu, nos Cinemas Sant'Anna ou São Bento expandir o seu enthusiasmo em vóz alta? Absolutamente!

O film silencioso, antigamente, assistia-se com mais respeito e com mais silencio do que até os taes espectaculos do theatro lyrico. Porque eram espectaculos solennes, majestosos, empolgantes. Porque nos mostravam, uns sobre os outros, detalhes claros e soberbos. Nuanças indiscutiveis. Sophismas espirituaes. E mais a serie innumeravel das qualidades todas de um portentoso film silencioso.. E com mais razão o silencio já devia ser exigido desde então. Distrahia o pensamento!!!

Mas, hoje, é natural que se não possa conseguir o silencio cabal de uma sala aonde se exhiba um film falado. Aqui vão os motivos.

O film falado, geralmente, tem cousas engraçadissimas. Uma dellas, sem duvida, é a choradeira que algum dos artistas ha de fazer. Outra, a gritaria dramatica nas scenas culminantes.

Sendo inglez a lingua falada pelos artistas, é natural que não se possa fazer um silencio absoluto na platéa. Porque, quasi sempre, um individuo tem um amigo que conhece inglez. E, já que se senta ao lado delle, encosta a sua cabeça nos hombros do referido amigo, tomando, ainda por cima, a frente do vizinho de traz. E ouve, commodamente recostado ao macio encosto, a descripção "falada" do film todinho...

Depois, haverá alguem que se admire de uma platéa rir com as scenas dramaticas mais intensas dos films falados?

Eu creio que só os inglezes ou os norte-americanos ou ainda os que entendem inglez é que se podem admirar disto.

Porque é innegavel que aquillo é ridiculo. O Cinema, durante annos, consecutivos, no seu constante melhorar, nos mostrou soffrimentos. Dos exaggerados de "Honrarás tua Mãe". Aos logicos e reaes de "A Turba".

Nós nos acostumamos a ver que os homens, naturalmente, quando soffrem um grande abalo moral ou physico, soffrem. Mas o Cinema, na verdade, ou bem ou mal, quando viamos bons films, occultou-nos um soffrimento deprimente e repleto de gemidos. E mostrou-nos, ao contrario, a meiguice de um agonisante olhando, olhos razos d'agua para a imagem de Christo na Cruz... Ou, então, um detalhe significativo e pequenino de um berço cessando de balouçar e, logo após, um primeiro plano curto e violento de uns olhos de mãe a se encherem violentamente de lagrimas crueis...

Isto, sem gemidos, sem urros ou berros, feria sensivelmente a fibra das nossas almas.

Eu tenho soffrido alguns golpes do destino. Como todos nós, aliás. Mas não me lembro, sinceramente, de haver gemido, urrado ou berrado. Lembro-me que ficava longos minutos ao lado do retrato de meu pae, contemplando-o, e, na téla da minha memoria repassando as minucias de todas as meiguices que me vieram do ente querido que me fôra roubado pelo destino...

Não ha, nisto, mentira alguma. E é bem por isto que nos rimos, quando vemos, como em "Broadway Melody", scenas dramaticas, intensamente... theatraes... E não podemos comprehender e sentir os gemidos e soluços exaggerados de uma Betty Compson, em "Regeneração", quando já a vimos soffrendo tão differentemente em "Docas de New York"...

Outra cousa engraçada, dos films, é que elles, quasi todos, têm que girar em torno da vida de um rapaz ou de uma moça que tem decidida vocação pelo palco. E, logo que conseguem a chance de se exhibirem, vencem e, de prompto, conquistam Broadway.

Assim, se as cousas não se modificarem e as differenças se façam sentir, dentro em breve, é de se crer que o publico acabe se cansando e, depois, não mais possa dar o applauso que, até agora, tem dado á nova invenção.

Amanhã, segunda-feira, temos, no "Paramount", a exhibição do film falado "O Lobo da Bolsa", com George Bancroft e a "sua risada monstruosa" e Baclanova "em duas canções de amor"... E' aguardar mais um dos taes espectaculos. Para, cada vez mais, avançar nas conclusões.

O Cinema Rosario annuncia a sua estréa para 1 de Setembro. O Cinema terá apparelhos de sons da Western e, além disso, será sem duvida, um dos mais luxuosos Cinemas de São Paulo.

O annuncio que diz isto, annuncia, tambem, que será inaugurado o referido Cinema, com um film FALADO de uma das marcas leaders do Cinema nos Estados Unidos. Trata-se, sem duvida, de um film da Metro Goldwyn Mayer.

Assim, São Paulo fica dotado de mais um excellente Cinema. Mas, com a febre actual, não ficaremos, dentro em breve, reduzidos á pouquissimos films? Ou serão, então, os nossos Cinemas, invadidos pela febre de producções européas?

Esperemos. E ainda não podemos contar tão rapidamente com a producção Nacional que, por emquanto, ainda se está formando, se bem que ella já esteja sendo apparelhada para falar tambem...

O Odeon, quando annunciou a estréa, na sala Azul, dos apparelhos da Western, não disse que exhibiria, ali, films silenciosos. Muito pelo contrario. Annunciou que as producções silenciosas seriam lançadas no Royal e que a sala Azul, em conjunto com a Vermelha, exhibiria tão so-

mente producções faladas ou, quando pouco, synchronizadas.

Mas... As cousas estão sendo outras. Voltou a sala Azul a exhibir os seus films silenciosos, em sessões corridas e não mais sessões... E, ainda por cima, sujeita o publico a ouvir os films, todos, com acompanhamento de discos...

Não sei, bem, se é certo e correcto assim proceder. E' mais economico, não resta duvida. Tanto mais que os discos são comprados á uma razão de 12$000 ou um maximo de 30$000 e uma orchestra, por peor que ella seja, nunca fica num preço inferior a 9:000$000 ou 10:000$ mensaes. E esta media, em discos elles não gastam. E, se gastarem, gastam um mez. Mas, no seguinte, já não têm essa despeza...

Hoje, por exemplo, o "Diario de São Paulo", num trecho da sua secção de Cinema, diz que Sivan, (que era segundo violino da extincta orchestra da sala Vermelha) é quem compila os discos para acompanhar os films silenciosos. E gaba-lhe o gosto na collecção de discos que escolheu para acompanhar "Vendida" de Dolores Del Rio.

Pode ser que eu esteja enganado e que o publico, afinal, já não se incommode mais com acompanhamentos por orchestras ou victrolas mais fortes. Mas eu creio que uma orchestra bôa, afinada e cohesa, para films silenciosos, é bem melhor do que uma collecção de discos, por melhor que ella seja!

O Republica, esta semana, lançou, em reprise, "O Barqueiro do Volga".

E amanhã, segunda-feira, entra a "A Cabana do Pae Thomaz", synchronizada, cantada e com sons...

O regimen de "reprises" vae augmentar, na certa...

Para Setembro teremos, no Santa Helena, a estréa do "Synchrocinex" apparelho que vae lançar os films brasileiros, synchronizados, falados e cantados, com Genesio Arruda e Tom Bill, sob a direcção de Lulu de Barros.

Que seja bom e que demonstre progresso e efficiencia, devem ser os votos de todos os bons brasileiros. Se bem que eu (ainda não conheço os apparelhos) julgue que não é a resolução do problema.

FILMS

DANUBIO AZUL — The Blue Danube — Pathé-De Mille — Programma Paramount — Paul Sloane, com este film, prova que é capaz do tirar lindos primeiros planos e, com elles, encher uma producção toda. Nelles collocando, tambem, a vida toda de um film.

"Mas "Danubio Azul", apezar da belleza de Leatrice Joy. Da photographia. De Nils Asther e da caracterização de Joseph Schildkraut, não é um film absolutamente perfeito.

A's vezes torna-se monotono e não consegue convencer. E, o que é peor, trata-se de amores de um principe por uma princeza. Quando, a semana passada, assistimos uma "Marcha Nupcial"...

Bom divertimento. Mas despido de toda e qualquer qualidade de super-producção.

A orchestra do Maestro Lazzoli, mais uma vez, admiravel. Apresenta uma synchronização estudada e intelligente. Estupenda!

JUSTIÇA HUMANA — The Bellamy Trial — Metro Goldwyn Mayer. — Um film interessante. Muito bem feito. Original em certos pontos. E incommum, muito embora se passe, todo elle, quasi, dentro de uma sala de tribunal e se refira, todinho, ao julgamento dos implicados no assassinato de Mimi Bellamy.

A maneira com Monta Bell dirigiu o film, porém, honra-o como director e mostra que o thema mais vulgar, nas mãos de um bom director pode se tornar um colosso.

"Justiça Humana", porem, não é o que se possa chamar de colosso. Falta-lhe qualidades para tanto.

Mas é um bom film. Entretem. Mantém o seu fio de mysterio até o final. E, na sua ultima scena, quando o criminoso confessa, diante do juiz a sua culpa e, apparecem aquelles detalhes da estatua da justiça do jornal com o "Not Guilty", em primeiro plano... Mostra o que é um film silencioso bem feito e intelligente.

Ha um excesso de titulos falados Mas são essenciaes. Porque tratando-se, como se trata, de um film que aborda um julgamento. As perguntas do promotor e do advogado de defesa, alternadas, têm, mesmo, que serem lidas pelo publico para absoluta comprehensão do assumpto.

A photographia, em certos trechos, é surprenendente. E ninguem deve perder este film.

Leatrice Joy apresenta um bom trabalho. Mas os artistas, no film não chegam a desempenhar um grande papel. Porque o film é todo elle de direcção. E nada mais.

Como complemento, o Alhambra exhibiu "uma comedia gozadissima da dupla Stan Laurel-Oliver Hardy. E o Stan, como mulher, é um numero. Impagavel!

VENDIDA — The Other Woman — Fox — Um film antigo de Dolores Del Rio. Foi a estréa de Lou Tellegen como director. Mas sahiu-se mal. A Fox chegou a archivar o film. Mas... Veio o successo incomparavel de Dolores. E, assim, a Fox achou melhor exhibir o film.

A critica foi impiedosa. Todas as revistas desceram a lenha no film. Mas não adiantou nada. A Fox exhibiu, mesmo...

E' um film cacete. Absurdo. Cheio de "Hokum" da primeira á ultima scena. Com uma representação antiquadissima e exaggeradissima. Com Dolores Del Rio ligeiramente bonita em alguns primeiros planos e com Don Alvarado positivamente parecido com um mulato das ilhas do Sul...

Ben Bard, então... Quem o viu em "O Passado não morre"...

Desistam. Nem pensem em assistir este film. Porque assim, se o fizerem, acabarão, mesmo perdendo toda a sympathia que devotam á Dolores Del Rio!!! No Rio foi exhibido sob o titulo de "Amor Cubano"!

Como complemento um jornal Fox-Movietone que, como eu previra, tem trechos bem interessantes e curiosos.

REGENERAÇÃO — Weary River — First National. — Vocês se lembram de "David, o Caçula"?

Pois, "Regeneração" é "completamente differente"!...

Lembram-se de Richard, artista de Cinema, sympathico e intelligente?

Pois, neste film, Richard canta pela garganta do seu "double" Johnnie Murray e fala.

Tem uns idyllios bem bons com Betty Compson. Tem um outro trecho em que se mostra o magnifico Richard de sempre. Mas... Agora já é outro artista! A sua vóz, na verdade, coincide com a sua personalidade. Mas o film, se eu o analysar daqui... Não resiste ao primeiro tranco.

No entanto, como espectacluo de Cinema FALADO, é o melhor que tenho assistido desde "Anjo Peccador". Offerece, além disso, algumas novidades neste novo genero de Cinema. Como seja, a musica, sempre, apesar dos pesares, continuando a acompanhar o film e, uma movimentação de camera interessantissima, apesar de se tratar de um film falado.

(Termina no fim do numero).

SE NÃO QUIZEREM PERDER A SYMPATHIA DE DOLORES DEL RIO, NÃO ASSISTAM "VENDIDA" OU "AMOR CUBANO".

LOURA E SAPÉCA

(BLOND FOR A NIGHT)

FILM DA PATHE'-DE MILLE

Marcia	Maria Prevost
O marido	Harrison Ford
George Mason	T. Roy Barnes
M. Eufemio	Franklin Pangborn
O creado	Lucien Littlefield.

MARCIA uma francesinha "perigosa", trenara-se para o casamento numa serie de noivados de mentira. Um dia, porém, apparece-lhe um joven americano desses que não fazem conta do dinheiro que gastam com as novas amizades e, em menos de duas semanas, estão casados. Os primeiros dias da sua vida conjugal, como sempre acontece com toda a gente que se casa, correm entre beijos e caricias.

Por artes do demonio, finda a primeira semana da lua de mel, surge em casa dos recem casados George Mason, rapagão alegre, cento por cento yankee, ex-companheiro de Roberto, louco por felicitar o outro e ainda mais por conhecer-lhe a esposa... essa mulherzinha que soubera pescar-lhe o amigo.

— Meus parabens, homem! Aposto que te casaste com uma loura! exclama o recem-chegado, apertando americanamente a mão do marido de Marcia.

— Não, ella não é loura... mas vontade de o ser não falta.

Neste momento entra a esposa. Roberto apresenta-a ao amigo. Mas como ha muito não se vissem, sentam-se os dois amigos num sofá e tocam a matar as saudades com uma revista verbal de todas as antigas amizades que tinham tido em Paris, desde aquella primeira viagem, como caixeiros-viajantes de uma casa de Nova York.

Marcia serve-se sósinha do café que lhe traz o creado, e depois, como os dois continuassem na mesma "charla", veste-se e sáe. A' porta, porém, entrega ao creado uma cartinha para o marido na qual lhe diz que em vista da pouca attenção

que lhe dá, vae passar um mez em Berlim — só de vingança! O marido, ao receber a nota, fica como doido. Dá logo um escandalo com o amigo, bradando-lhe:

— Sempre a minha asa-negra! No tempo de solteiro, arranjavas-me intrigas com as pequenas, e agora, casado, viviamos felizes até o momento em que chegaste, e já me plantaste o inferno em casa!

E fica a passear de um lado para outro, sem saber qual a cousa mais prudente a fazer, si seguir immediatamente para Berlim, ou dar um tempinho á Marcia, para que se arrependa, e volte para casa.

Decide-se, pois, pelo ultimo dos casos.

Marcia, que nenhuma intenção tem de deixar Paris, corre á casa de Monsieur Eufemio, dono da antiga casa de modas onde trabalhara como modêlo, e, em lá chegando, promptifica-se a preencher a sua vaga que ainda se acha aberta. Por esse tempo George, que é comprador de "toilettes" de luxo para uma loja americana, chega ao estabelecimento de M. Eufemio, afim de escolher as ultimas novidades da estação. M. Eufemio, eterno apreciador das fórmas escul-

pturaes de Marcia, tem-lhe reservado um lindo vestido branco, de cauda de pavão real, que lhe fica maravilhosamente bem. Precisamente o typo de "toilette" que o comprador americano procura. Como destôe a côr negra dos cabellos de Marcia com a tonalidade geral do vestido, num momento de feliz inspiração, lembra-se M. Eufemio de pôr á cabeça da rapariga uma linda cabelleira loura. Marcia está radiante! Dir-se-ia uma creação de sonho, uma dessas virgens das lendas germanicas, vestida de luar...

E' neste momento que chega o comprador esperado. M. Eufemio, todo cheio de mesuras, fal-o entrar, preparando-lhe o espirito para a grande surpresa. Mostra-lhe primeiramente alguns modêlos mais ou menos elegantes, que o comprador vae passando em revista sem grande interesse. Chegam á porta do camarim de Marcia.

— Agora, vou mostrar-lhe a sensação de Paris... e ao dizel-o, descerra a cortina e sobre o seu pedestal, como uma bellissima estatua viva, está Marcia.

O comprador fica pateta. — E' um encanto! — diz, referindo-se ao modêlo.

* * *

A'quella tarde, voltando á casa do amigo, que ainda se acha acabrunhado com a fuga da esposa, faz-lhe George e descripção da mulher estonteante que descobrira na loja do Eufemio. E muito a contra gosto de Roberto, leva-o á exposição de modas que se realiza á noite.

Lá, completamente modificada pelo seu "meicape" encantador, está Marcia, o ponto para onde convergem todos os olhares. George, com Roberto pelo braço, vae certo ao camarim da loura, que impertubavelmente nem se dá por achada com a presença dos dois.

— Não é estupenda, Roberto? Em materia de loura, ninguem me passa a perna! Este é o typo de mulher que não briga com os maridos!

Terminada a exposição, ficam os dois á porta do estabelecimento esperando para verem sahir os modêlos. Marcia, por fim, surge tambem. E vendo George com o marido, de espertalhona, dirige-se a George:

— Quem é esse rapaz?

— Um meu amigo. Casado e arrependido!

Ambos estão devéras apaixonados por Marcia. O marido por achar-lhe na voz alguma semelhança com a voz da esposa, e George por sua eterna necessidade de se apaixonar por alguem em Paris. Escondidos um do outro, ambos convidam a pequena para uma ceia no Ritz. Marcia, de velhaca, compromette-se reservadamente com os dois para a mesma ceia, que será servida no seu apartamento, pois é no Ritz mesmo que ella está morando. A's oito horas lá chega George. E logo depois tocam a campainha. E ante a surpresa do outro, entra Roberto. Ceiam. Ao invés de irem a um theatro, ficam ali, na contemplação da mulher, cada um na esperança de que o outro se enfade e saia... Mas, nada! O relogio de cuco canta dez horas — onze horas — meia-noite! Por fim é Marcia, que vendo que os dois estão fazendo pé de boi, dá-lhes o "boa-noite" e os manda dormir.

Ella porém sabe o que faz. Roberto e George, em chegando á rua, desculpam-se, toma cada um o seu taxi, e sáem em direcções oppostas, para momentos depois riscarem no hotel, tentando uma palestra a sós com a garota.

Com effeito, no quarto della já se acha Roberto, quando batem á porta. E' George. Para evitar ser visto ali, elle, um homem casado, accede Roberto aos rogos de Marcia, escondendo-se debaixo de um movel para que não o veja o amigo. Entra George, e começa a conversar com a lourinha, batem á porta.

— Santo Deus! Quem será? — exclama a pequena contrafazendo a sua satisfação pela retardada visita, que lhe vem ajudar o plano traçado. Entra o recem-chegado: é Monsieur Eufemio, que vem procurar a pequena para firmar um novo contracto com o seu estabelecimento.

Mas a paginas tantas, Roberto, cansado de estar debaixo do movel, resolve sahir para ver quem é o desconhecido cuja voz não se parece com a do amigo. Ahi, a instancias de Marcia, vae o pobre do Monsieur Eufemio tambem para debaixo da cama, fazer companhia ás aranhas... Ahi vem o desenlace. Marcia, vendo que não pode sustentar o seu incognito por mais tempo e nem tampouco lhe convem manter o marido assim enganado, sáe por uma porta, desfaz-se da cabelleira loura, e arránjada como quem vem de viagem, entra novamente na sala. O marido que a vê, julga-se descoberto — por ser encontrado ali, no apartamento daquella loura, cujo verdadeiro nome nem mesmo sabe.

— Eu já sei de tudo, Roberto... Mas si me promettes não fazer outra, eu te perdôo...

Está visto que o marido "criminoso" não espera mais nada: atira-se aos braços da esposa, cobrindo-a de beijos...

EUFEMIO ERA UM NUMERO...

Antonio Moreno, Dorothy Revier e Carol Nye tomam parte em "Light Fingers", da Columbia.

BESSIE
LOVE

JOAN CRAWFORD

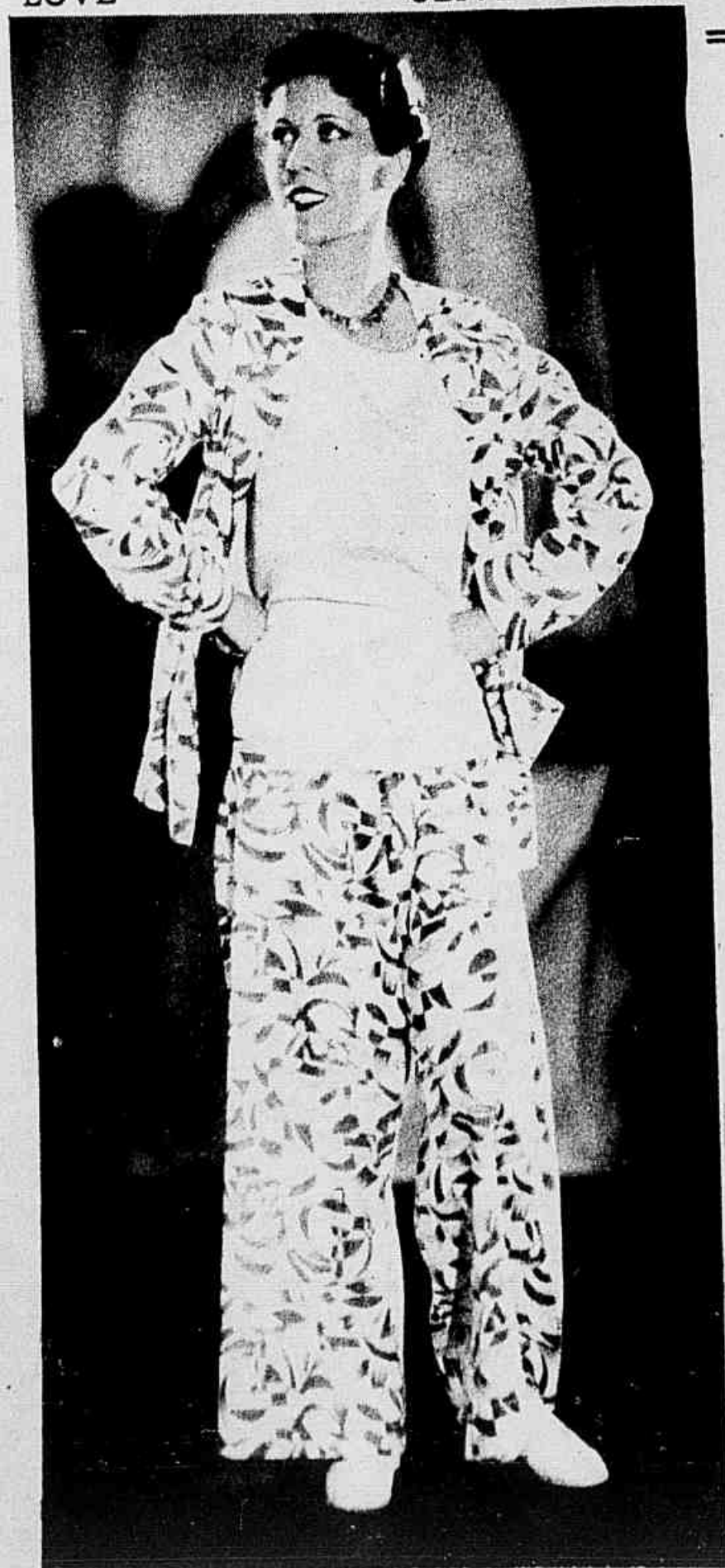
VAMOS DEIXAR DE INTIMIDADES...

NORMA
SHEARER

OLIVE BORDEN

JOAN CRAWFORD

BEBE DANIELS

De Hollywood para você...

DE L. S. MARINHO

(Representante de "CINEARTE" em Hollywood)

O grupo brasileiro, já se foi...

Assim desappareceu minha alegria e encheu de saudades meu coração. Este coração que já é um poço profundo de saudades doloridas... Creio até que Hollywood, esta Hollywood tão fria de sentimentalismo, sente a falta dos brasileiros que a tomaram de assalto.

Agora voltemos a faina antiga. Studios, publicidade, estrellas, artistas, mentiras, o diabo... Para começar este, deixem-me dizer. Não sei o que se passa pela casa de Ruth Roland, que na praia deslocou o tornozello, e é obrigada a ficar em repuoso.

O telephone brada. Quem fala? Ruth Roland. Que deseja? Oh! "Marino", diga-me dahi alguns nomes brasileiros, bem brasileiros.

E já sabem, eu disse um milhão delles. Para que, não me perguntem, porque eu mesmo não lhe perguntei.

Os leitores sabem que com os films falados, existe actualmente uma grande guerra em Hollywood, entre os productores e os artistas que pertencem a Equity. Uma especie de sociedade protectora...

Quinhentos artistas de pequeno calibre, enviaram uma carta a Marion Davis, solicitando sua presença num dos ultimos "meetings". Elles naturalmente julgavam que o seu comparecimento ali, traria algum lenitivo a sua causa. No entanto, ella não appareceu. Será no proximo? Quem sabe! Não sei se Marion tem o mesmo temperamento de Mae Murray, porque quando esta esteve num destes meetings fez um alvoroço dos diabos... fez um "speech" formidavel... Applausos em profusão... abraços... parabens... e ficou nisto. A guerra continua.

Não se ouve outra cousa, não se fala outra cousa. E' Equity por todos os cantos de Hollywood. Até os cafés e restaurantes daqui, annunciam pedindo que os actores da Equity patrocinem suas casas!... Eu só queria saber, quantos studios dispõem de pessoal sufficiente para manter suas producções em programma, se a luta continuar por mais tempo?

Falou-se que o Menjou tinha deixado a Paramount. Não havia certeza neste boato, porém agora os jornaes andam cheios da noticia que elle assignou um contracto com a American Sound Recording Co., antes de ir para a Europa, para fazer films 100% falados. Dentro de 30 dias elle estará de volta para iniciar a primeira pellicula.

Perguntem ao Gonzaga o que é o Blossom Room no Roosevelt Hotel. Lá estava Edna Murphy, linda como os amores, recebendo um premio, debaixo de uma chuva de palmas. Porque? Eu não sei, francamente. Eu chegava naquelle momento, e quando pareceu-me haver alguem que poderia informar-me, já tinha passado muito tempo, demais, estava mais enthusiasmado vendo Sally Eilers dansar com um cara que não conheço.

Marshall Neilan, Mervin Le Roy, Don Alvarado, Sue Carol, Nick Stuart e outros, estavam presentes. E mais uma cousa... isto é, uma noticia que deve ser sensacional. Luoise Lorraine, Jack Perrin, Francis Ford, Monroe Salisbury, Wilbur S. Mack e Leo White, vão fazer "The Jade Box" em dez episodios, para a Universal.

Sim, é um film todo falado. Como os tempos mudam, santo Deus! Mas que elenco hein?

No celebre café Henry o Charles Chaplin jantava uma dessas noites com Georgia Hale. Em outra mesa, lá estavam Estelle Taylor, Lila Lee e James Kirkwood. Quem, Jack Dempsey? Não, não estava lá. Emquanto tinha isto succedia, Lottie Pickford dizia a um amigo que no dia seguinte iria visitar o homem que tira as licenças de casamento.

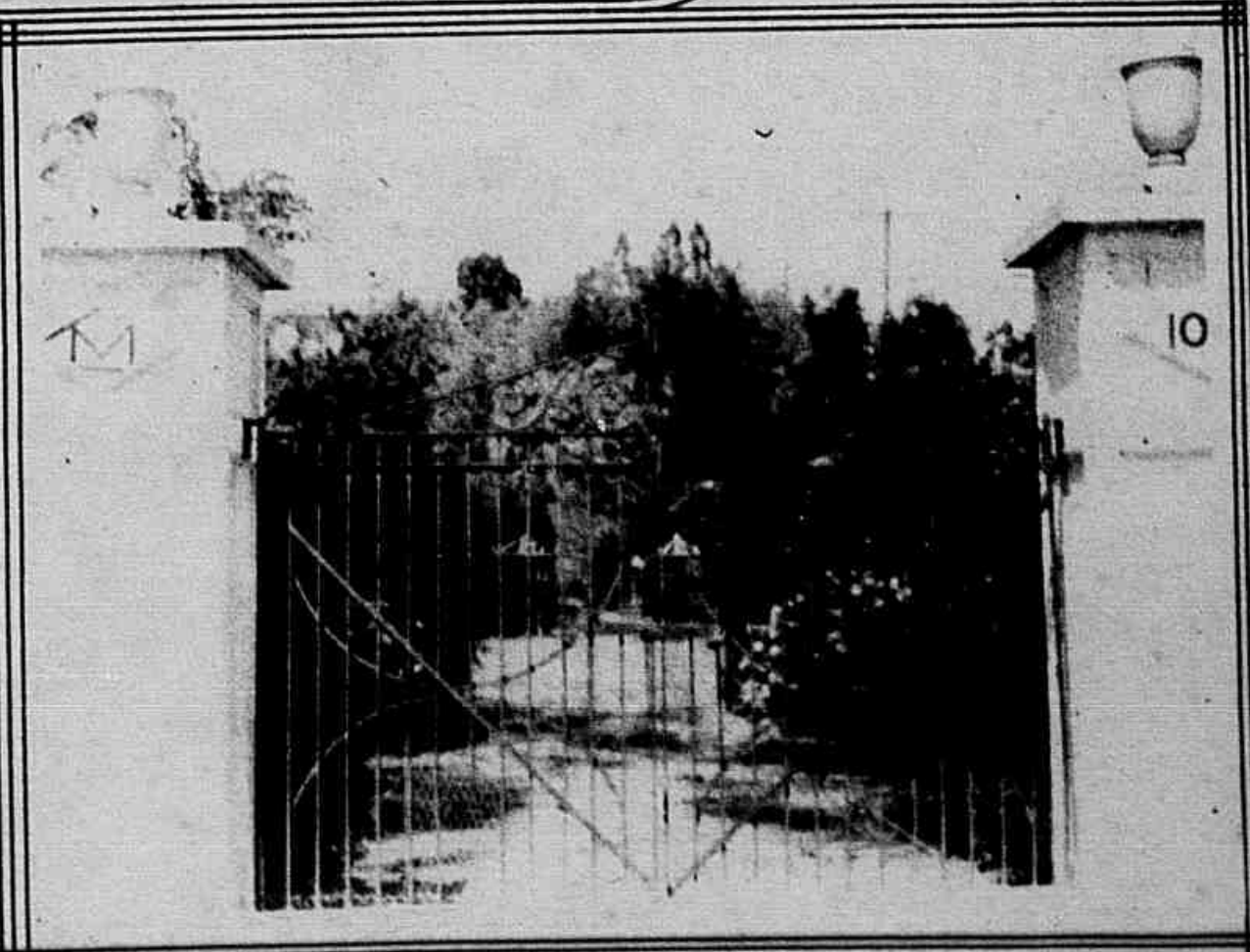
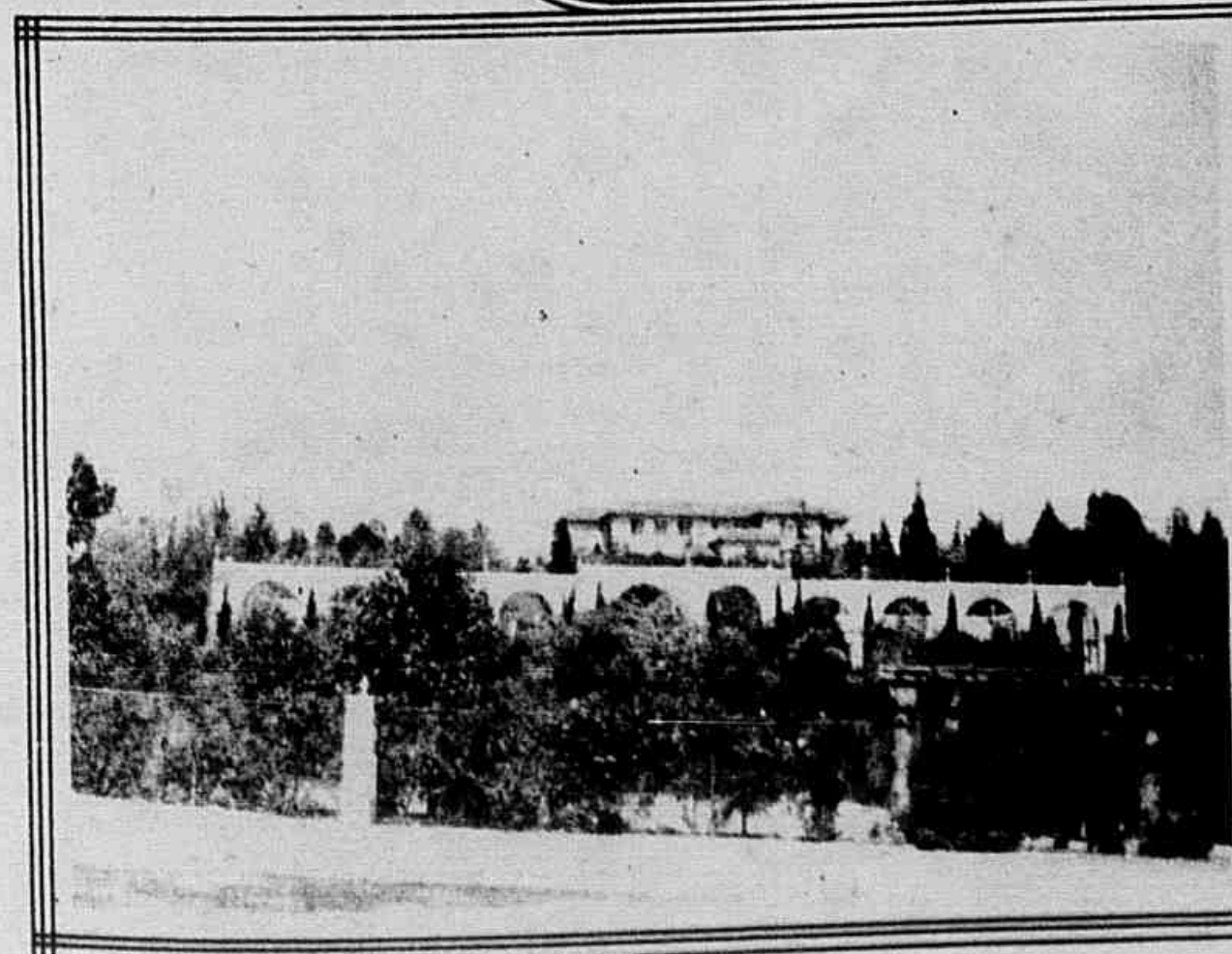
Mae Murray passando muito fleugmaticamente pelo Hollywood Blvd, levando um Filmograph. Passando por mim, neste momento o Harry

(Termina no fim do numero).

Candido Banzatc foi de São Paulo para Hollywood, e apparecerá em Fome. Aliás, só soube que ia figurar no film quando Olympio Guilherme lhe pediu que se maquilasse e entrasse em scena.

Chateau Elysee, onde mora Lily Damita e outras estrellas.

VISTA GERAL DA CASA DE TOM MIX

E' O UNICO ARTISTA QUE TEM O SEU NOME NO PORTÃO.

Carol Lombard
e Diane Ellis...

As mesmas e ainda
Maribyn Morgan

PEQUENAS SONORAS...

PERGUNTA-ME OUTRA...

AIMEON (Itapolis) — Admiro o seu enthusiasmo, mas não me lembro de ter recebido cartas suas. Envie o resumo, o thema, para ver se pode ser aproveitado.

YONE TORRES (Rio) — Elle apparecerá em varios films da Metro Goldwyn. Diz que vae fazer isso, mas ainda não deixou Hollywood.

LINDO (Porto Alegre) — Sim, Nita Ney envia retratos... "Barro" é uma amostra, apenas boa redacção, criterio e e sinceridade.

MÉLISSINDE (Rio) — Pensei que pudesse ir, mas fiquei. Entretanto deixei a secção com o meu secretario para tratar de outras cousas, com a ausencia do Gonzaga. Não lhe perdoa o que diz serem os livros os culpados...

SI-FI-NI (Rio) — 1°) Lia, Brazilian Southern Cross, Tec Art Studio, Melrose Ave, Hollywood, Cal. 2°) Idem. 3°) Fox Studio, Western Ave, Hollywood, Cal. Divorciada e ainda de namoro forte... com Nick Stuart...

C. SOUZA (Belem) — E' enviar retratos para o Cinearte-Archivo.

C. DE VAUDRY (Campinas) — Parabens pela scena preferida em "Braza". De facto, é a mais linda, é a idéa do film. Continue com as noticias.

RÔDO (Rio) — No "phantasma" as descripções foram feitas assim propositadamente para não tirar a emoção do film. No outro, houve, realmente, dois finaes. E' commum isso. "Apsará" e "A dansa da vida" tambem tinham dois finaes.

ESTRELLA DE PRATA (Itú) — Nils Asther, M. G. M., Culver City, Cal.

CHÔINHA (Alagôa Grande) — 1°) Mas Lia responderá. 2°) Não é artista de Cinema... Não sei. 3°) Impossivel. Só lhe pedindo directamente. 4°) Usei agora?

O CACHORRO QUENTE E' BOM... CAROL LOMBARD E DIANE ELLIS NA PRAIA

M. DA C. ROCHA (Bello Horizonte) — Não costumamos dar ou vender photographias.

PINGA OURO (Porto Alegre) — "Barro", breve ahi no Sul. "Sangue Mineiro" que é um film bem brasileiro, talvez seja distribuido pela Metro Goldwyn.

LAURA (Rio) — Por que não se apresenta a Benedetti-Film? Vão começar agora "Saudade" e precisam de artistas. Que fazer? O povo acaba falando inglez... e todos acham que está tudo muito bem.

ZID COLMAN (S. Paulo) — Esquecer, nunca. Interessantes as suas opiniões sobre os artistas de "Barro". Volte depressa.

GRACIANITA (Porto Alegre) — Enviam sim, mas, por emquanto ainda não estabeleceram um serviço regularisado. Tenha paciencia e aguarde a sua vez. Elles não esquecerão a Gracianita. "Barro Humano" vae ser exhibido ahi, sim. Talvez, muito breve.

JOÃO TORÁ (P. Quatro) — Não é a pessoa que julga. Obrigado. Elles enviarão. Deixal-os falar, o Cinema Brasileiro ainda vae fazer muita surpreza. Este pessoal está vendo films velhos.

CARLOS SOUZA (Belem) — Você está tão longe dos centros productores. Entretanto, envie photographias...

LI NEGRÃO (S. Paulo) — Gracia e Lelita, Benedetti Studio, R. Tavares Bastos 153, Rio. "Alma Camponeza" é silenciosa. Sim Marinho é representante de "Cinearte" em Hollywood.

UBI ALVORADO (S. Paulo) — Não tem importancia. Queria ser original em contrariar, mas que vale se todos pensam ao contrario?

ENRI (Rio Grande) — Já não me lembro da resposta a que se refere. Interessante como sempre, a sua carta e organize a A. B. F. que estamos aqui para applaudir. E' o director da Bibliotheca Nacional.

OSWALDO (Nictheroy) — Não o esquecemos. Viu o numero passado?

RICHARD BARTHELMESS — Gostei das suas cartas. Continue.

MYSTERE (S. Paulo) — Tudo o que você escreve, agrada, Mystere. E o endereço que me prometteu a tanto tempo? E' para uma surpreza!

JORGE (Catanduva) — Entreguei a sua carta a Secção de "Cinema de Amadores".

ALYRIO (Santa Rita do Pontal) — Muito bem, continue.

SIRIGAITA (Rio) — São termos empregados porque já têm sido muito explicados e todos os que acompanham "Cinearte" já sabem. Questão de gosto. Os films brasileiros são commentados na Secção de Pedro Lima.

J. G. CARVALHO (S. Paulo) — Obrigado. Não publico sua carta porque é impossivel publicar todas sobre "Barro".

NINI (Rio) — Sue Carol, Fox Studios, Western Ave, Hollywood Cal. Cite "Cinearte" e o seu pedido será satisfeito mais depressa.

BEBE E LUTHER REED, PRODUCTOR ASSOCIADO DO FILM.

BEBE EM RIO RITA!!

Talkies...

AGORA a época é de falar, fazer barulho, tagarelar etc. Então, vamos falar um pouco do já tão falado Cinema falado e fazer algumas declarações ruidosas...

* * *

A situação é terrivel, realmente. Os homens já chegam ser "doubles" de animaes.

Dizem até que o guincho daquella mula em "Old Arizona" foi imitado por um conhecido productor...

* * *

Dizem que em "Dynamite", o primeiro film falado de Cecil De Mille ouve-se, de vez em quando, vozes surdas que dizem: *Yes! Yes!, Yes, Mr. De Mille!*

* * *

Para sonorizar... uma scena de terremoto, é collocar um microphone na cozinha de um restaurante movimentado. Para sonorizar... uma scena de multidão, é collocar 8 discos com 10 pessoas a falar.

Para um cyclone é apanhar o roncar de um desses homens que dormem nos bancos dos jardins. E para imitar vento, disse outro ao acabar de assistir "Ouro", é usar uma "sirene" da "Viuva Alegre" da policia, até todos sahirem do Cinema. Uma descarga de Ford tambem servirá para certos casos...

* * *

Quantos "phones" e "tones" já existem! Agora, Mr. Sax, productor da First National, inventou o saxphone...

* * *

— Já tenho sido o "double" de muitos artistas nas scenas faladas e cantadas e ainda não obtive uma opportunidade — disse um extra. Agora tambem figuro nos córos.

Grita mais alto do que os outros e serás logo descoberto...

* * *

Os beijos de Greta Garbo são agora imitados com um estouro de um balão de gaz.

Para dar mais sensação, mais it...

* * *

As campainhas dos telephones nos films falados e sonoros... parecem a campainha da Central quando sahem os trens para São Paulo.

* * *

Tanto chamavam os films de cow-boys de "Horse Operas" que agora vamos tel-as de facto...

* * *

E os films em inglez vão entrando sem protesto do publico... Nos Estados Unidos, prohibiram a marca registrada da "Brazilian Southern Cross", da Lia Torá, só porque havia uma bandeirinha brasileira pintada. Aqui, a propaganda americana é a vontade, até da lingua ingleza. E' "chic" assistir-se a films em inglez. Já ha gente que ri na hora certa... E sahem do Cinema a nos cumprimentar em inglez.

A mania dos "talkies" chegou a uma galeria de quadros.

— E aquelle preto o Stephen do Follies? Elle chega e diz "Yes, pla, pla, pla, pla, right, pla, pla, pla, pla, não sei o que. Que colosso aquelle preto!

— Não fui eu, não. Deve ser do cavallo lá do film.

Um Studio moderno. Paredes calafetadas. Duas portas espessas com um porteiro de cada lado. Lampadas vermelhas e campainhas do lado de fóra, para pedir silencio nas horas de filmagem. Dous operadores se trancam numa caixa com as machinas movidas a motor e torquezes para marcar as scenas. Lá em cima, dentro de uma caixa de vidro, o "monitor engineer" entre mil parafusos, rodelas, fios encacheados, chaves, lampadas etc fala num dos muitos telephones para o director que se communica com outro homem numa mesa cheia de interruptores. Lá adeante, sala de gravação etc. com lampadas photo electricas, fios torcidos, rodas, engrenagens, vidros de cera, parafusos etc. As assistentes pedem silencio. "Quiet! Quiet!"

Com a differença da velocidade entre a luz e som, as palavras "Eu te amo" só serão ouvidas nas galerias de uma dessas modernas cathedraes do Cinema, na scena final do divorcio...

Ao redor, electricistas, lampadas que fritam os artistas, microphones, chaves, bambús para segurar outros microphones, cortinas, taboletas para dar acustica etc. Os operadores não viram manivelas e os directores não usam megaphone.

Tudo isso, para apanhar uma scena de uma pequena que depois de esguichar a garganta com um preparado qualquer, diz:

— I love you!

* * *

Para que Cinema falado? Já havia films que ensurdeciam... os olhos e falavam á alma...

* * *

Como os americanos poderão chamar de "moving-pictures" uma scena com duas pessoas paradas a conversar mais de cinco minutos?

* * *

Muita gente que não póde dormir por causa do gallo do vizinho, vae ao Cinema só para ouvir o gallo da Pathé...

* * *

Havia quem temesse o radio como unico e mais sério concurrente do Cinema. Mas... o Cinema enguliu o radio e este o Cinema...

* * *

A voz no Cinema — disse Carlito — é o mesmo que arranjar letra para uma sonata de Beethoven.

* * *

Corinne Griffith não gostou quando descobriram que tinha havido um "double" naquella sua canção em "Divina Dama".

Mas algum dia, quando ella cantar realmente, fará questão de espalhar que a voz foi de outra pessoa...

Grant Withers e Lupe Velez animarão "The Tiger Rose", que George Fitzmaurice vae dirigir para a Warner.

* * *

Richard Wallace será o director de "Playing Around", o novo film de Clarinha Bow.

* * *

Embarcaram dos Estados Unidos para a Inglaterra 50 engenheiros da Western Electric que lá vão installar 130 apparelhos sonoros até meiados de Setembro. Existem actualmente nas ilhas britannicas 44 Cinemas munidos de vitaphones e movietones.

* * *

Richard Dix foi contractado pela Radio Pictures ou R. K. O. Dix fará uma série de films romanticos, "Blind Cargo" é o titulo do novo film sonoro de Richard Arlen e Esther Ralston para a Paramount.

* * *

Hal Roach declarou que para o futuro não mais fará films silenciosos.

O QUE SE EXHIBE NO RIO

PALACIO-THEATRO

BROADWAY MELODY — M. G. M. — Producção de 1929.

E' o primeiro film falado que se exhibe no Rio. E' o primeiro "talkie" que os "fans" cariocas ouvem. E' o primeiro "talkie..." e um dos que mais apressaram a quéda momentanea do Cinema silencioso como divertimento. Muito têm dado que falar os "talkies..." Dizem que o seu advento marcou os funeraes da Arte do Silencio. Dizem que os "talkies" são um novo meio de expressão, muito mais completo do que o film silencioso e incomparavelmente superior como divertimento. E dizem que os "talkies" tanto se afastam do Cinema como fogem do theatro.

Eu não pretendo formular aqui o que em definitivo seja um "talkie". Seria uma definição problematica. Por conseguinte me não é possivel, igualmente expender uma opinião completa sobre o que já se convencionou chamar de Cinema Falado.

Não creio em que os "talkies" tenham feito o enterro da Arte do Silencio. Venceram esmagadoramente, vencem e ainda por muitos mezes gozarão da preferencia do publico primeiramente por serem uma novidade realmente sensacional. Estou convencido de que o Cinema Silencioso continuará a existir como a fórma poetica do Cinema mais elevado, mais ideal.

O que se chama actualmente por uma necessidade de distincção de Cinema Falado no futuro não será nem a sombra do que se vê hoje.

Será uma combinação de imagens e sons, com supremacia dos valores visuaes norteados dentro das mais elevadas concepções de visualisação a que já attingiram os grandes mestres do Cinema Silencioso.

Existirão, pois, duas fórmas de Cinema — a poetica ou silenciosa e a falada. Só si não existirem...

Isto não é para já. Agora o que o publico quer é, escutar a voz dos seus favoritos. O que o publico quer, é escutar barulho, em inglez ou não, custe o que custar. E por emquanto o "talkie" tem que ser ou vehiculo de divulgação do theatro sob todas as suas formas, ou uma especie de combinação do theatro com varias vantagens do Cinema, ou, ainda, uma atrapalhação medonha de imagens e sons que se atrapalham uns aos outros.

Portanto, leitores, o que eu tenho a fazer é ir analysando os films falados como elles se apresentam.

"Broadway Melody" é um dos "talkies" que mais "fans" tem conquistado para as fileiras do Cinema Falado. Em todas as grandes cidades do mundo onde se exhibe e faz ouvir, conquista milhares de partidarios da invasão sonora e converte até abnegados defensores do silencio. De facto, é um divertimento agradabilissimo. Não tem quasi nada de Cinema. Muito de theatro. E uma grande percentagem de novidade.

Não é arte. Absolutamente. Nem é possivel fazer arte na phase em que estão os "talkies". O seu successo todo reside no facto de ser uma synthese do que de melhor em materia de divertimento existe: a sua historia é interessantissima, sentimental, humana e impregnada de um magnifico elemento amoroso; a sua acção decorre entre ambientes cheios de encantos e seducções mil, taes como os bastidores de um theatro de revista, o apartamento de duas coristas e festas de gente alegre; e no seu desenrolar ao par da dialogação, ouvem-se bellas e modernas canções e musicas leves e saltitantes; além de apresentar bailados maravilhosos.

Ademais, para se comprehender a acção não se necessita de ouvir, tão expressivas são as imagens. Do contrario só os que entendessem inglez poderiam comprehender o film.

Não pensem vocês que vão ver a mesma ligação macia de scenas e sequencias, que caracteriza o bom film silencioso. Aqui para que os artistas falem a acção perde grande parte do seu dynamismo, os "close-ups" são numerosos e infindaveis e o relevo comico é obtido por meio de velhissimos recursos theatraes como sejam o bebedo que atrapalha tudo, o gago, arrôtos, etc.

As scenas mais bonitas e sentimentaes são justamente aquellas em que predomina o valor visual. Mais bonitas no sentido de Belleza e não no de divertimento. Exemplo: a scena em que Bessie desmancha a maquillagem após a desillusão que soffre ao adquirir a certeza de que não é amada. E' uma scena linda. Ella soluça, é verdade; mas sem os soluços a emoção seria a mesma.

Os systemas de gravação e reproducção ainda estão longe de terem attingido a perfeição. A voz não tem a mesma intensidade em todas as sequencias. Ora é muito forte, ora tem a altura natural, ora é muito fraca. As vozes dos homens distinguem-se das mulheres; mas as dos homens não se differenciam umas das outras, nem as das mulheres. As inflexões são mais ou menos distinguiveis; mas os timbres são perfeitamente imperceptiveis. Tanto faz o artista estar num "close-up" como sumir-se num "long shot", ou por outra, tanto faz elle falar perto da "camera" como longe, a altura da sua voz não se altera.

Em todo o decorrer da reproducção sonora ouve-se o chiado peculiar dos discos do vitaphone, ruido que ás vezes causa uma impressão desagradavel.

São estes os principaes defeitos do vitaphone. Ou antes, são os defeitos da vitaphonisação de "Broadway Melody", porque todos elles, hoje, ou pelo menos grande parte, deve já ter desapparecido, pois o progresso que se realiza nos Estados Unidos em todos os sentidos do Cinema Falado é phenomenal — marca-se por etapas de minutos.

Harry Beaumont, o director de "Garôtas Modernas", foi quem dirigiu o film. E' a sua estréa nos "talkies". E como estréa não está má — elle conseguiu realizar um esplendido divertimento, uma synthese de cousas agradaveis quer em imagens, quer em notas musicaes, quer em vozes, quer rythmos de bailados.

Charles King tem uma voz forte e clara. E' um rapaz sympathico, representa com desembaraço theatral e canta magnificamente. E' pena ser tão baixo. Bessie Love revela-se uma surprehendente artista dramatica, de uma sensibilidade pouco commum. A sua voz é que não corresponde á delicadeza do seu typo — é demasiadamente mascula. Anita Page tem uma voz linda, maviosa. E ella toda é tão divinal que a gente a desculpa até de não fazer quasi nada no film todo... Kenneth Thomson tem uma voz de trovão. Tem um bom desempenho. Jed Prouty, Mary Doran e Eddie Kane completam o elenco.

E' uma combinação de musica, canto, Cinema (percentagem minima), theatro dramatico e revista,

Ouve-se tudo: o riso de Anita, os soluços de Bessie, a respiração de Charles King e... Não digo!

E, como film falado, pode ter.

Cotação: 7 pontos. — P. V.

Bessie Love, Charles King e Anita Page em "Broadway Melody", o primeiro film falado que foi exhibido no Rio.

A DAMA DIVINA (The Divine Lady)— First National. — Producção de 1929.

"A Dama Divina" é um magnifico espectaculo cinematico. Photographicamente nada deixa a desejar. E' uma maravilha. Desde os "close-ups" de Corinne Griffith em colloquio amoroso com Victor Varconi até os planos de longa distancia da batalha de Trafalgar, cada quadro que surge na téla tem a composição bem cuidada de uma pintura da época. São verdadeiras obras de pintores habeis os planos deste film.

A batalha de Trafalgar offerece aspectos de grandes frescos de mestres consummados. Nas menores scenas nota-se a opulencia dos recursos postos a disposição do director Frank Lloyd. E' um film de uma confecção sumptuosa, raramente conseguida.

Considerado sob o ponto de vista de atmosphera, ambientes, indumentaria, realismo nas batalhas e interpretação é excellente.

A historia escandalosa de "Lady Hamilton" foi transformada num romance amoroso extremamente sympathico. Com medo da censura encarregaram Agnes Christine Johnston de adocicar o assumpto até satisfazer o mais exigente dos puritanos, assanhado pelo que suggere o simples nome da heroina famosa. Transmudaram uma historia sordida, mas real e humana, num poema lyrico que só pôde redundar num film espectaculoso e de pouco interesse dramatico. Além disso, além de transformarem a heroina, esqueceram-se de esquecer certas passagens de sua vida, como, por exemplo, a affronta da sociedade ingleza concretizada na sua exclusão do baile de recepção a "Nelson". E' uma passagem que provoca a ira de todos contra aquella sociedade que se recusava a receber uma mulher que que tanto influira para a victoria do almirante. E no entanto, a Historia diz outra cousa...

Bem, seja lá como fôr, o resultado não é máo. Dá mais resistencia ao romance dos dois, que é interessante e prende realmente. O *climax* fornecido pela batalha de Trafalgar é magnifico e a morte de "Nelson" é uma passagem commovente. Não fosse a primeira batalha igualmente majestosa e da mesma intensidade a ultima remataria o film de maneira formidavel. Trafalgar apparece mais como uma repetição.

As scenas amorosas são delicadissimas. Envolve-as uma poesia que é um verdadeiro contraste com o "back-ground" de batalhas, de intrigas e de odios.

Corinne Griffith nunca se vestiu com tanta graça e mais requintado luxo. Nunca se mostrou tão linda. Só os seus "close-ups" valem o film. São manifestações do Bello. A sua interpretação é admiravel. Ella não é "Lady Hamilton", porque é o que quizeram que ella fosse. Foi melhor assim. Victor Varconi é um "Nelson" razoavel.

Ian Keith, Marie Dressler, Michael Vavitich, Dorothy Cummings e Montagu Love apparecem.

A "double" de Corinne tem uma bonita voz. E ella parece que toca harpa mesmo.

A sychronisação satisfaz; mas percebe-se que foi feita depois do film terminado e dentro do Studio.

Vão ver. Não percam. Vocês não aprenderão Historia, mas terão opportunidade de regalar os olhos e sonhar um pouco com o romance de Lady Hamilton Corinne Griffith e o almirante "Nelson".

Cotação: 7 pontos. — P. V.

IMPERIO

O DRAMA DE UMA NOITE (The Canary Murder Case) — Paramount. — Producção de 1929.

Mais uma vez o Cinema mostra como é que se desvenda o mysterio que envolve um crime. Mas não se assustem que não entram em scena as conhecidas figuras do tribunal. O mysterio é esclarecido sem a ajuda do promotor, do juiz, jurados, advogados, testemunhas, etc. Não existe uma só sequencia de tribunal. Todas as sombras são afastadas por um detective scientifico. E' um film bem construido. O unico caracter realmente interessante é o do detective. Uma corista é assassinada em circumstancias mysteriosas. As suspeitas cáem sobre seis homens. O modo como o detective descobre o fio da meada é que constitue todo o interesse do drama. Mal St. Clair dirigiu a representação admiravelmente. Ha trechos mesmo em que se nota a sua habilidade na composição de valores visuaes. Olhem que se trata da versão silenciosa de um film falado. Por isto mesmo é que é de estranhar o interesse que desperta. E a gente chega a imaginar vel-o com voz... Palavra que eu queria... Acho que a voz augmentaria o seu valôr. Pelo menos como está, preparado para receber o auxilio da dialogação... Interessante a scena do pocker.

A maneira de agir do detective está mostrada photogenicamente. E com clareza absoluta. Mas eu duvido da efficacia dos seus methodos na vida real...

O trabalho de William Powell é estupendo. William é um dos typos mais admiraveis do Cinema. E' de uma linha impeccavel, de uma sobriedade de gestos encantadora e a sua physionomia é uma das mais photogenicas que conheço. E' uma figura capaz de concentrar em si todo o interesse dos "fans" seja lá qual fôr o film. Louise Brooks mal apparece, morre. Que pena!

Jean Arthur, lindinha. James Hall e ella fornecem um fraco elemento amoroso.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

☙ Passou em rerise o film "Dous araras no Mar".

GLORIA

LADRAO DE AMOR (Domestic Meddlers) — Tiffany-Stahl. — Producção de 1929. — (Prog. Serrador).

Mais uma vez em scena o velhissimo triangulo. Marido, mulher e o outro. Mas o outro aqui não chega a ser "outro". Imaginem vocês que o marido se embebeda e deixa a mulher com o amigo; e dahi é que nasce o conflicto. A culminancia é o castigo do heróe a chicôte. Ora bolas! Já estou perdendo muito tempo. Lawrence Gray é o peor. Faz uma porção de carêtas e na sequencia da surra de chicote só sabe ranger os dentes. Roy D'Arcy já devia ter comprehendido porque Von Strohein o chamou para "Viuva Alegre".

Deixei Claire Windsor por ultimo porque é ella a primeira. O seu desempenho é o unico que se salva. Aliás, a gente não sabe si é o seu trabalho ou a sua belleza o que mais encanta. Ella aqui está bonita como nunca a vi.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

JUSTIÇA HUMANA (The Bellamy Trial) — M. G. M. — Producção de 1928.

Um film que começa como jornal cinematographico e de repente principia a narrar um crime pela boca de uma infinidade de testemunhas. A acção só foge da sala do tribunal quando narra o que dizem as testemunhas. O mysterio é mantido até o final, que encerra uma tremenda surpreza e possue o que os norte-americanos chamam "heart interest". Eu pessoalmente acho antiphotogenica esta forma de narrar um film. Como está é como si o director Monte Bell, que tambem foi o scenarista, só tivesse feito questão

HOLMES HERBERT EM "ARTE DIABOLICA".

de contar com imagens, em todos os seus pormenores, um julgamento sensacional. O film está muito bem dirigido. Mas não é mais possivel arrancar nada de novo numa sequencia de tribunal e muito menos no depoimento das testemunhas de um crime. Os detalhes do julgamento são bons, mas não espantam. A impressão total é má. A gente não sabe afinal si viu um film ou leu um jornal. No seu decorrer hesita-se sobre quem se deve centralizar todas as attenções, tantas são as sub-historias e as personagens. Emfim Betty Bronson e Edward Nugent prendem pelo idyllio. E dão um pouco de cuidado ao conjuncto um tanto caótico.

Leatrice Joy, Margaret Linvigston e Kenneth Thomson são as figuras principaes do crime. E' um film de Monta Bell. Mas de um Monta Bell que já não dá muita importancia á direcção, que se prepara para ser director de producção...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

PATHE'-PALACIO

CASADOS E SOLTEIROS (Golf Widous) — Columbia. — Producção de 1928. — (Prog. Matarazzo).

Mais uma destas comedias leves, com poucos e fracos "gags", baseadas em situações de uma ingenuidade sem igual. E' de uma falta de imaginação incrivel. A gente tem a impressão que a sua trama foi urdida durante a filmagem mesmo, á proporção que iam filmando. Começa tôlamente, tem dezenas e dezenas de pontos de contacto com outras comedias vistas e revistas e acaba num "steeple-chase", que foi a primeira maneira de acabar dois rolos comicos nos aureos tempos da Keystone e da Sunshine. Vera Reynolds, Sally Rand e Kathleen Key ainda procuram melhorar o film com os seus sorrisos e a belleza que as caracteriza. Mas Harrison Ford com aquella sua antiquada maneira de fazer graças põe tudo a perder.

John Patrick diverte por que a gente se lembra delle em outros films.

Erle C. Kenton é director para muito mais.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

CAPITOLIO

O LAÇO DE AMIZADE (The Leatherneck) — Pathé. — Producção de 1929. — (Ag. Paramount).

Mais um film que começa pelo fim, isto é, que começa num tribunal, com juiz, advogados e jurados a postos; e a sua acção, quasi toda anterior, é contada em depoimento, até attingir á culminancia dramatica, na sala do jury. Mas o jury aqui é uma côrte marcial, um conselho de guerra, com o que só teve a ganhar o film. A acção dramatica que conduz á sala do tribunal absorve todo o interesse. Tem movimento, tem trechos de sensação e um romance delicado. A sequencia do julgamento é magnifica. Interessa vivamente e provoca intensa ansiedade com o seu "suspense" intelligentemente mantido. William Boyd, Alan Hale e Robert Armstrong são os heróes mais unidos do que os irmãos de "Beau Geste". E a mimosa heroina, a linda Diane Ellis.

E' um drama forte, viril em que os heróes soffrem mais do que o que costumam soffrer...

Cotação: 6 pontos. — P. V.

RIALTO

AS MAOS DE ORLAC — Ufa. — Producção de 1928. — (Prog. Urania).

Film dirigido por Robert Wiene, o director do famoso "Gabinete do Dr. Galigari". A historia é de uma fraqueza que mette pena. Está cheia de tolices e absurdos. Aliás, nota-se que o director só se preoccupou com obter bellos effeitos pictoricos e uma interpretação de Conrad Veidt capaz de escachar todos os outros "artistas" masculinos da téla. Para o primeiro objectivo elle sacrificou tudo em prol de claros-escuros sem significação, arranjados em montagens esquisitas, em scenas interminaveis.

E para o segundo faz Conrad Veidt ficar convencidissimo de que é um grande actor, obrigando-o a torcer-se horrivelmente e a esgotar o seu repertorio de carêtas. Conrad é o typo do camarada que pensa que no Cinema se representa na verdadeira accepção do verbo "Representar".

E' um film que augmenta o aborrecimento da gente.

Cotação: 2 pontos. — P. V.

PATHE'

ARTE DIABOLICA (The Charlatan) — Universal. — Producção de 1929.

Uma historia desprovida de drama, sem elemento amoroso digno de nota e com situações mais ou menos conhecidas. E' um film mysterioso com muitas figuras orientaes em scena, magias, bolas de crystal, chuva do principio ao fim, uma reunião social perturbada por um crime inesperado e a descoberta do criminoso. O tratamento que George Melford deu ao film é que o eleva. A sequencia que traça as investigações é interessantissima. Como quasi sempre acontece em films do mesmo genero a acção desenrola-se na téla no mesmo espaço de tempo que consumiria na realidade. E isto augmenta o vigor da acção e dá muita unidade ao film.

Margaret Livingston, e[illegible] seja a figura principal, morre no meio d[illegible] Holmes Herbert tem um bom desempenho. [illegible] outros do elenco são Rockliffe Fellows, Crawford Kent, Anita Garvin, Rose Tapley, e Dorothy Gould.

Póde ser visto.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

A VOZ DA TERRA MATER (The Far Call) — Fox. — Producção de 1929.

Uma historia de piratas de hoje em pleno Pacifico.

E' uma trama interessante construida de proposito para ir de encontro aos desejos dos amantes de films de aventuras. Não obedece á psychologia dos caracteres, nem á logica; limita-se a narrar tudo muito superficialmente. E no entanto, a gente adivinha certa poesia no film.

Mas Allan Dwan entendeu não dever puxar pela belleza espiritual do thema.

Como o adaptador, Walter Woods, só tratou de mostrar tudo muito objectivamente.

Aliás, a direcção de Allan Dwan nunca suggere mesmo.

O idyllio de Charles Morton e Leila Hyams é bonito.

A luta final, tremendo conflicto em que entram centenas de homens, é sensacional; é um fecho adequado para os episodios que lhe ficam atraz.

Ulrich Haupt é um villão "a la Von Strohein". Pat Hartigan, Yvan, Linow e Arthur Stone tomam parte.

Como film de lutas e aventuras satisfaz.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

GARBO - O MYSTERIO DE HOLLYWOOD

(FIM)

Foi esse isolamento, esse desprezo pela multidão e pelos "parties" que provocou a primeira rusga séria entre ella e John. John é um temperamento alegre, jovial. Gosta de rir, de conversar. Sua casa sempre foi o centro de reunião de uma "gang" das mais alegres.

Greta desapprovou.

Um dia ao chegar á casa delle, para o jantar, esperando encontral-o só, e ao contrario, dando com elle no meio de um grupo de convivas barulhentos, a sua indignação foi tanta que voltou para sua casa.

Na manhã seguinte John chegou ao seu camarim estourando de raiva.

"Si Miss Garbo telephonar diga-lhe que não estou aqui — gritou elle ao seu secretario.

E retirou-se. Uma hora mais tarde voltou.

"Miss Garbo telephonou?"

"Não, Mr. Gilbert."

"Muito bem. Si o fizer não estou aqui. Diga-lhe que não vim hoje."

Outra sahida. Meia hora depois voltava elle.

"Telephonou?"

"Não."

"Chame-a ao telephone."

Reconciliaram-se. Fizeram-se mutuas promessas. Mas as suas relações foram afrouxando gradualmente.

E ainda não faz muito tempo ambos chegaram a conclusão de que o casamento não fôra feito para elles. O seu imprevisto casamento com Ina Claire não feriu Greta Garbo. Ao ser interrogada a respeito perguntou:

"Que podia eu ter para dizer? Espero que sejam muito felizes. John é meu amigo sincero."

Ha qualquer cousa mais do que uma simples paixão pela solidão nessa conhecida aversão de Greta pela turba. E' uma especie de medo — medo de não ser comprehendida, medo de ser ridicularisada. Ella esconde-se até mesmo das "extras", no seu "set". Qualquer psycho-analysta dirá que isto é devido a alguma experiencia triste de sua infancia, uma infancia de que ella recusa falar.

Quando ella chegou pela primeira vez a Hollywood, sem vintem, desconhecida, enrolada no costume barato que durante varios mezes foi a sua unica "toilette", todos lhe procuraram ser agradaveis.

A Cinelandia é uma terra admiravel; todos os seus filhos se sentiram chocados diante do seu amor á reclusão. A reclusão é a unica cousa que Hollywood teme.

Max Ree, costureiro dinamarquez, conheceu-a então. Pouco depois, ao retirar-se para a Europa, antes de embarcar, disse a uma joven scenarista do studio da M. G. M.: "Peço-lhe que se interesse pela Miss Garbo. Ella não conhece ninguem aqui. Está como que isolada."

A joven apiedou-se da estrella sueca. Dirigiu-se ao seu camarim, um dia, e lhe disse: "Terei muito prazer em lhe fazer uma visita qualquer dia destes". "Será um prazer immenso", disse Greta. "Faremos, qualquer cousa para passar o tempo. Que é que você gosta de fazer?"

"Gosto de dormir".

"Bem. Em todo o caso poderemos dar um passeio e tomar chá".

"Mas eu não gosto de tomar chá".

"Então passearemos".

"Eu tambem não gosto de passear".

A pequena não punha o coração nesses convites, de modo que deu por findos os seus esforços.

A maior diversão de Greta Garbo é o Cinema. Ella sempre combinou o prazer com os negocios. Proximo ao seu hotel existe um modesto cinema. Ella o frequentou tres vezes por semana durante pouco mais de um anno. Ia sempre só, no seu casaco de homem, as abas do chapéo do feltro cahidas sobre o rosto e oculos escuros. Um dia descobriram-na. Greta foi mais uma vez: depois nunca mais.

Que haverá da verdadeira Greta Garbo dentro desta creatura solitaria?

Uma sueca ignára, muito plastica emocionalmente devido a esta ignorancia, e possuidora de um estranho poder de attrahir e seduzir os sentidos pelo contorno photographico do seu rosto, que suggere paixão pela sua só fórma, como o de Mary Pickford suggere pureza por ser modelado nas linhas tradicionaes das Madonas?

Ou uma mulher de intelligencia profunda e grande inclinação para os negocios, que procura poupar-se esquivando-se do contacto com os seus semelhantes?

Em quasi todas as personalidades ha um traço dominante. Em Greta Garbo é a sua habilidade, ou antes a sua necessidade de ficar só.

Ninguem conhece Greta Garbo. Seria uma deshonestidade alguem affirmar que a conhece. Varios jornalistas, no entanto, já o affirmaram. Houve um que, se atreveu a escrever sobre as suas idéas e opiniões, seus gostos e desgostos. O artigo dizia que ella adorava os passaros. Os cães. Os cavallos. E as flôres.

Greta leu. Indignou-se.

Indignou-se.

Ninguem a conhece. Um jornalista que com ella topou, confessou que a impressão mais forte que ella deixa na gente é a do seu rosto muito branco, indescriptivelmenta triste.

Escutemos este jornalista: "Quando terminei a minha tarefa de colher dados exactos, que me orientassem num estudo a seu respeito, desejei ardentemente conhecel-a. Senti que ella me seria como uma inestimavel amiga. Muitos conhecidos m'a haviam pintado como uma ignorante. Mas cheguei a concluir que só uma mulher muito elevada poderia parecer tão embrutecida como diziam que ella era.

Dizem que ella é geniosa. Mas eu acho que ella só o é quando lhe faz bem o ser geniosa.

Dizem que é exquisita, mas afinal todas as suas exquisitices se resumem em querer ser ella mesma, amar a solidão e não representar fóra do studio. O quadro della que ainda hoje não se desfez na minha retina representa-a alta, delgada, envolta num casaco grosso, os cabellos ao sabor do vento, desnudando-lhe o rosto claro, sentada, só e immovel, na areia, olhando, sonhadora, horas e horas, o mar intranquillo.

A sua infancia deve ter sido muito cheia de soffrimentos. Quaesquer perguntas sobre o seu passado provocam-lhe o mesmo olhar profundo, como si os seus olhos tivessem a faculdade de olhar para dentro. Vi identica expressão nos olhos de Chaplin, quando alguem lhe lembrou os seus dias de Londres.

Tudo o que se sabe a seu respeito é que nasceu em Stockolmo, capital da Suecia, em 1906. Havia uma irmã a quem ella amava extremadamente, cuja morte, ha um anno, mais ou menos, lhe provocou o mais terrivel soffrimento. Um irmão, tambem. Uma mãe sobre quem Greta faz cahir actualmente tudo o que lhe faltou nos seus primeiros annos. Eram gente pobre, de uma classe para a qual a educação é luxo. E, no entanto, a pequena que mais tarde seria famosa, foi bem succedida nos cursos que frequentou em varias escolas de Stockolmo.

Revelou-se na sua fórma definitiva aos dezeseis annos, quando entrou para a Academia Real de Arte Dramatica. Nils Asther, que a conheceu então, disse que ella nunca chegou a trabalhar no palco, na Europa. Era apenas uma leitora e estudante. Nessa Academia foi que ella encontrou a figura que lhe traçaria a vida, a estranha e sombria figura que ainda hoje se move atraz de cada acto da sua existencia. A dominante figura do seu destino — Mauritz Stiller.

O romance de Greta e John Gilbert, que tanto impressionou o publico acostumado a vel-os em abraços apaixonados na téla, foi um romance tempestuoso, povoado de incertezas. Justamente um romance da especie dos que Elinor Glyn gosta de escrever.

Com Stiller a cousa foi differente.

E' fóra de duvida que ella adorou o director sueco com uma devoção de escrava. Elle era o mestre. Sem questionar seguiu-o a uma terra estranha. Sem hesitar, obedecia cégamente ás suas ordens. Quando as suas idéas artisticas e os seus esforços principiaram a falhar nos Estados Unidos, ao passo que o trabalho della entrava a ganhar applausos do publico "yankee", ella ainda tentou seguil-o de studio a studio e com elle regressar á Europa. Elle foi o primeiro a não consentir neste sacrificio. Nessa occasião ella deixaria o bello e impetuoso Gilbert á uma só palavra do mestre. O seu proprio trabalho ella o modelava de accordo com o que elle lhe ensinára nos poucos films que ambos fizeram na Suecia. Consultava-o a cada passo.

Em Hollywood, Stiller sempre se mostrou o mais estrangeiro e altivo dos directores estrangeiros. As suas feições lembravam caricaturas da escola ingleza. Era um homem intelligente, de uma cultura vasta, literaria e artistica, de uma imaginação fascinante.

Stiller era feio, mas tinha miolos. Greta comprehendia-o e admirava-o. Houve mais alguma cousa, além disso, entre elles. O seu poder sobre ella fugia a qualquer explicação logica.

Ella nunca teria entrado em Hollywood, sem o seu auxilio. Ninguem a queria. Louis B. Mayer, chefe da M. G. M., queria os serviços de Mauritz Stiller, o director cujos films produzidos na Suecia todos admiravam. Mas Stiller recusou-se a acceitar qualquer contracto sem Greta Garbo. Após algumas discussões Mayer deu á pequena desconhecida um pequeno contracto, só para satisfazer ao director.

Stiller, incapaz de se amoldar á technica cinematica norte-americana, foi um tremendo fracasso; Greta, que Mayer fôra impellido a engulir como excesso de bagagem, deu-lhe fortunas.

De qualquer maneira foram dois os suecos que chegaram a Hollywood — Stiller e Garbo. dollars, tremula, amedrontada, infeliz; mas obediente ao homem que adorava.

A pequena, embrulhada no seu costume de dez

E' divertido hoje, contemplando a omnipotente estrella em que ella se transformou, relembrar o modo como o "lot" da M. G. M., recebeu Greta Garbo no primeiro anno. As "cameras" nunca funccionavam para ella. Só a utilizavam em photos de publicidade. Posava para "trucs" photographicos. Posava, ao lado de novos modelos de automoveis e visitantes sem importancia. E assim mesmo, quando estas photographias iam ter ás mãos de Pete Smith, chefe do Departamento de Publicidade, o destino mais certo que as esperava era a cesta de papeis imprestaveis.

Greta limitava-se a dizer: "Quando eu fôr uma grande estrella não tirarei photographias apertando as mãos de "boxers". E ella tem cumprido esta promessa. Quando tiravam estas photographias no studio, formava-se logo um grupo de homens — electricistas, operadores e artistas. Qualquer outra pequena mais bella e mais importante podia trabalhar o dia inteiro em identico mistér que ninguem parava para olhal-a. Com Greta a cousa era outra. Era ella apparecer e logo a cercavam os homens, envolvendo-a num circulo de olhares. Ninguem sabia explicar...

Os cabelleireiros conheceram-na bem e, aliás, muito desfavoravelmente. Quem era ella, uma estrangeira desconhecida, para sentar diante do espelho e desfazer os seus melhores trabalhos com um monotono: "Não gosto"? Entretanto, elles não paravam; continuavam a pentear-a e despentear-a. Até que um dia chegaram ao seu "bob" actual, que tanto lhe realça a belleza e que tantas imitações, nos tres continentes, tem provocado.

Monta Bell foi o primeiro "yankee" que viu as suas possibilidades. Stiller lutava pela sua propria existencia; nada podia fazer por ella.

Monta Bell com a sua forte experiencia pa-

(Termina no fim do numero)

O Palhaço

(FIM)

cinho estrabico que mordia desesperadamente um charuto de cincoenta centavos.

Depois de um momento de reflexão — dirigindo-se a mim, explicou:

— "Mister Guilherme! Quando a camara começar — dê uma volta completa sobre si mesmo. E quando ella avançar para "close-up", fique de perfil"...

Estranhei aquillo. Dar uma volta completa sobre mim mesmo. E quando a camara avançar — ficar de perfil... Estava muito vago... Quiz saber sobre as expressões do rosto — si devia falar... rir... chorar...

— "Oh! Nada disso, homem de Deus! Fique como quizer — porque estamos aqui fazendo uma prova photographica da roupa do palhaço que vae começar a trabalhar amanhã!"

Senti um calafrio de vergonha e indignação. Tive impetos de avançar para as camaras e estraçalhar tudo. E pela primeira vez, ha muito tempo, duas lagrimas sulcaram a maquillagem do meu rosto — emquanto eu pensava o que no dia anterior "Cinelandia" e o "Times" haviam publicado sobre "FOME"...

Hollywood, 26 de Julho de 1929

OLYMPIO GUILHERME.

N. da R: Faz lembrar aquellas outras promessas a Lia e Olympio, só para arrancar-lhes os celebres telegrammas de desmentido áquelle conhecido artigo da "Noite", todo verdadeiro...

De São Paulo

(FIM)

E' bem possivel que o publico aprecie este film. Porque, além de tudo, elle tem scenas silenciosas e com letreiros. A sua parte falada não é secca e enfadonha e, além do mais, offerece opportunidade de se ver a belleza inconfundivel da Betty Compson e a sympathia de Richard Barthelmess.

A direcção de Frank Lloyd é assim. Não offerece nada de novo.

Vão ver um perigoso "gangster" tornar-se uma especie de Al Jolson de Barra Funda...

Bom divertimento. Mas film soffrivel.

JOHN GILBERT MEU VERDADEIRO AMOR...

(FIM)

beijo de que a minha presença a privara "Bom, minha adorada, vou me retirar."

"Ah! isso é que não! atalhou Ina. Estou sendo entrevistada e você vae ficar aqui.

"Entrevistada, a que respeito? inquiriu John.

Sobre o amor, querido".

"Isso é uma coisa de que não falamos, disse John para a jornalista. Ha coisas em que mesmo á gente de cinema tem o direito de ver os seus desejos respeitados. Essa é uma d'ellas".

"Eu vou dizer tambem uma coisa que sei não agradará a John, interveiu Ina. Eu me sentirei ainda mais feliz quando o film de John estiver terminado e elle houver feito uma visita ao barbeiro para voltar a parecer de novo uma creatura humana.

"Contemplando-o neste momento, seria alguem capaz de duvidar de quanto o amo? Desde que o conheci essa barba nunca foi feita e esse cabello não encontrou uma tseoura. Isso prova que o meu amor por elle não fica apenas na epiderme".

John remexia-se na sua cadeira. Eu percebia claramente o seu desejo de me ver pelas costas; assim procurei prevalecer-me da opportunidade, julgando que elle consentiria que Ina respondesse a uma derradeira pergunta. Era o seguinte:

"Como foi que John falou, quando a pediu em casamento?"

Vi o punho cerrado de John descer sobre o braço da poltrona e ouvi:

"Fóra d'aqui, já! " bradou elle.

E emquanto fechava a porta por onde me punha ao fresco, relanceei de soslaio e vi Ina nos braços de John.

Quanto não daria um productor por aquella scena!...

De Hollywood para você...

(FIM)

Burns, seu editor, disse-me que aquillo não era annuncio... Ora! ora!...

Agora é o tempo da tal mania da dieta. Dezoito dias de dieta, é a ultima de Hollywood. Todo mundo desta cidade quer emmagrecer. Seguir a moda e nada mais. No entanto, aquelles que justamente precisam, como Chico Boia, Walter Hyers e talvez mais de uma duzia delles, comem como ninguem.

"The Love Parede" uma opereta que a Paramount está fazendo, parece uma torre de Babel. No "elenco" existem um italiano, Albert Roccardi; um Slovaco, Anton Vaverka; uma filha de Hespanha, Marita Voya; e um canadense, Frank Martin, e o astro que é Maurice Chevalier, francez. Tudo gente nova, quasi. Tem mais 14 entre americanos e inglezes. Os outros são: o director allemão, Lubitsch; historia hungara, Vajda; e por ahi em diante.

Richard Arlen além de astro, é tambem prefeito do Tuluca Lake, e emquanto que o Charles Farrell é o chefe de policia. Eu ainda acabo fazendo uma arruaça neste Lake, somente pelo prazer de ser preso pelo Charles e solto pelo Arlen. Deve ser interessante não?

Melhor do que ser atropelado pelo auto de Mary Astor, como me ia succedendo um dia destes no Vine Street.

Stepin Fetchit é aquelle preto engraçado, conhecem? Aquelle do Follier. Elle chega a Fox para trabalhar, conduzindo um auto, e seu chauffeur vem em outro. Vi isto um dia, não sei se é sempre assim. Pode ser!

Ha tanta cousa idiota nesta cidade, incluindo a de Gloria Swanson comprar passagem para ir a Europa em vez de ir ao Brasil...

Maior idiotismo é a exhibição de films falados em INGLEZ no Brasil.

Não comprehendi ainda Lily Damita. Um dia, encontrei-a no Hollywood Blvd. Falamos durante meia hora, em pé, numa esquina. Nada de preconceitos. Entre outras cousas, perguntei-lhe sobre o noivado ou namoro com o Principe Louis Fernando.

Ella abaixou a cabeça, escondendo-a sob seu chapéo de abas largas, e quasi timida (!) respondeu-me que elle tinha ido para Argentina, ganhar dinheiro, e que em breve voltaria. Casava-se ou não? "Quem sabe Senhor Marinho..." —

Ora! Dois mezes depois, indo tomar chá em sua linda casa de apartamento (perguntem ao Gonzaga) voltou o assumpto a baila. O resultado é differente. "Que casar o que! Lily não se casará assim tão depressa..."

Ahi o tem... como é que um homem acaba bebendo chá sem assucar.

Cinema de Amadores

(FIM)

OS FILTROS, O IRIS E AS MASCARAS

fóco. O apparelhamento completo de mascaras para amadores deve comprehender:

"Mascaras de papel preto": — Redonda, Redonda franjada, Binocular, Oval, Rectangular franjada, Oval franjada, Coração, Copas, Paus, Espadas, Fechadura, Estrella, Diagonal, Cruz.

"Mascaras de Celluloide Matte: — Redonda, Redonda franjada, Oval, Oval franjada, Rectangular franjada.

"Mascaras de Celluloide Claro": — (os mesmos formatos que para o Celluloide Matte).

"Mascaras de Celluloide Amarello": — (Como as de Celluloide Matte ou Claro).

"Mascaras de téla fina de arame": — Sem abertura, Redonda, Oval, Cópas, Rectangular.

"Mascaras de seda branca": — (Como as de Celluloide Matte). Inclua-se uma sem abertura.

"Mascaras de seda preta": — (Para substituirem as de téla fina de arame conforme o gosto).

Essas mascaras que ahi ficam irão dar um valor inapreciavel ao film do amador, quando usadas no momento em que o scenario as requer.

Em resumo, é applicado as mascaras devidas, e usando o iris convenientemente, que o amador irá desenvolver consideravelmente a sua technica, sem invadir o campo dos "trucs", que é uma coisa muito differente do que ahi fica, e, ainda por cima, milhões de vezes mais difficil de ser abordada pelo Cinema de Amadores.

CORRESPONDENCIA

LINDOLPHO OLIVEIRA (Porto Alegre) — O endereço que você deseja é o seguinte: De Vry Corporation, 1111 Center Street, Chicago Illinois. Escreva e disponha.

ANTONIO ALMEIDA JR. (Parahyba) — Seja bemvindo. Mas olhe: não respondo a ninguem a não ser por intermedio de CINEARTE; o que você pede, portanto, é impossivel. Quanto ás montagens, isso é uma questão de pratica, antes de mais nada. Collando-se papel de parede sobre um tabique de madeira, e dispondo mesas, cadeiras, e cortinas de cretone bem vivo, quanto ás cores, dá-se a impressão de que se está n'um salãosinho elegante. O fundo, nas montagens, deve contrastar quanto ás côres, com o assumpto a ser photographado. Quanto á maquillagem veja a "Questão da Maquillagem" aqui mesmo publicada, ha tempos. Aliás espere um pouquinho, e falarei sobre isso, proximamente.

MESSIAS MOREIRA (Bebedouro) — Mas escute: o film Pathé-Baby não é de 16 millimetros! Foi um pequenino descuido seu, mas não tem nada. Si é como você diz, creia que me sinto feliz, e dê inicio á filmagem para que eu possa dar a noticia do seu trabalho, aqui no CINEARTE. Tenha cuidado com o iris, si a sua camara é Pathé, mesmo, e veja si arranja as lentes addicionaes Pathé-Baby para "close-ups" a 1 metro de distancia. Os reflectores não me parecem sufficientes. E' muito pouco. Isso que diz não póde dar cousa alguma. Apresente aos seus amigos as minhas saudações.

LAERTE SILVA (Collina) — Não tem de que! Estou aqui para isso. A De Vry não tem representação. O endereço, nos E. Unidos, é 1111 Center St., Chicago, Illinois. O que se póde é encontrar uma ou outra espalhada, nos commerciantes a varejo. E' melhor eu proprio indagar disso e então lhe communicar não acha? Vou perguntar a varias casas d'aqui, e então lhe direi o resultado. Tenha um pouquinho de paciencia.

AMADEU (Rio) — O Gonzaga trouxe muito material para esta secção. Já existe em 16 millimetros todas estas producções a que se refere.

HENRIQUE COUTO (Rio Grande) — Não é gentileza, propriamente. Eu quero é que os amadores collaborem commigo. Volte breve.

SATIRO BORBA (Porto Alegre) — O

(Termina no fim do numero).

A CARTA

(FIM)

de espia-o de soslaio, ansiosa por conhecer o movel daquella mensagem. A carta diz assim:

"Robert foi para Singapura e estará fóra toda a noite. Preciso falar comtigo e espero que não me faltes. Estou desesperada e não responderei pelas consequencias. — L."

Apesar da fatal influencia que Li Ti exerce sobre o caracter do inglez, sciente do conteudo da missiva, desprende-se Geoffrey dos braços da chineza, para ir ao encontro da fragil e bella esposa de Robert.

Ao defrontar-se com Geoffrey, mais frio e indifferente aos seus appellos do que ella propria suppunha, Leslie, toda nervosa, tenta ainda lembrar-lhe o passado amor, as horas de felicidade já mortas, os beijos e carinhos transformados em meras recordações. Depois, crescendo de indignação, exproba-lhe o acto ignobil, destrocando-a, a ella, por uma mulher de côr, desinteressante e vulgar.

A cada explosão de colera de Leslie, responde Geoffrey com uma phrase de desdém, e, por fim, quando vae sahir, repete-lhe a injuria que momentos antes lhe atirara a rosto:

— Comprehendes? E' a ella, Li-Ti, que eu prefiro!

Neste momento, Leslie, tresloucada, corre á estante de armas do marido. Surge com um revolver: Sôa o primeiro tiro, secco, rispido, inesperado, seguido pelo baque fôfo do corpo de Geoffrey sobre o s o a l h o da s a l a. Sôa outro tiro, e outro, e outro, e outro! Toda a carga do revolver! Está satisfeita! Está vingada!

A esposa de Crosbie, no jury, depõe em sua propria defesa. Diz que Geoffrey, um amigo do casal, estando o marido ausente, vem visital-a. Conversam por alguns momentos quando, sem que lhe désse nenhum motivo, começa elle a fazer-lhe propostas insultuosas. Sabendo-o meio ebrio, procura com suavidade pôl-o de casa para fóra. Depois, mais indignada, porque augmentassem os desaforos indecorosos, tenta fugir-lhe, mais eis que o homem agarra-a, querendo leval-a para a alcova. Neste instante, desprendendo-se-lhe dos braços, corre a mulher ultrajada á estante de armas do marido — e zás: descarrega-lhe os seis tiros á queima-roupa!

Este convincente depoimento e mais o ar de abnegação de que se reveste a esposa de Crosbie põem o seu advogado em caminho seguro para a defesa de sua constituinte. E, com effeito, decorridos os longos tramites juridicos, ao terceiro dia do julgamento do processo, está o advogado quasi certo da absolvição da ré. Mas ahi, para surpresa do advogado Joyce, apparece-lhe o seu ajudante Ong Chi, tambem chinez, com a historia de uma carta existente em poder de Li-Ti, e pela qual pede a chineza a importancia de dez mil dollars.

Joyce lê com assombro a copia que lhe entrega o ajudante. — Mas a Sra. Crosbie não pode ter escripto isto, diz-lhe. Nem sequer esta é a sua letra!

O original está em poder da chineza, senhor... A mulher exige mais duas condições: o pagamento deve ser em dinheiro e a Sra. Crosbie deve ir leval-o em pessoa...

* * *

A'quella noite, tendo obtido permissão do carcereiro e com o dinheiro que Joyce, na ausencia do marido, lhe emprestara, vae Leslie ao bazar de Li-Ti resgatar a carta que, si fosse conhecida do publico, arruinaria a sua sorte no jury e poria o marido ao corrente de tudo, elle, Robert, que até ali, com tanta bondade, ao seu lado, não a abandonara um só instante.

Ao entrar Leslie, toda velada, o bazar de Li-Ti, antro de prazer e vicio, aplethorado, áquella noite, de marinheiros, homens de aventura e mercadores, suspende o seu vozerio para saber quem é essa mulher heraldica, loura, de aprumo senhoril, que deseja falar com Li-Ti, a dona do luxuoso alcouce. Causa asco á nobre senhora esse contacto com gente de baixa casta, ignominiosa e insolente. E' preciso ter coragem, soffrer esse transe vergonhoso para resalva de sua honra e felicidade do marido, que por nada deste mundo deve ter conhecimento daquella carta maldita.

As humilhações a que a expõe a chineza, malvada e insolente, são innumeras. Por fim, já cansada de torturar a pobre mulher, espezinhada em sua dignidade de branca naquelle antro de baixa mestiçagem, atira-lhe Li-Ti a carta ao chão, para que ella, a orgulhosa ingleza, neste momento rebaixada áquelle extremo infeliz, a côlha do solo...

* * *

No dia seguinte Madame Crosbie é absolvida.

Em casa da familia, á noite, celebra-se entre pessoas intimas, a absolvição da accusada e a victoria do seu advogado defensor. Ao fim da reunião, retiradas as principaes visitas, o advogado Joyce chama seu amigo Robert Crosbie á parte, para dizer-lhe que de honorarios não lhe deve um ceitil, porém que tendo pago de seu bolso dez mil dollars para resgate duma carta que, si fosse dada a publico, ter-lhe-ia arruinado o pleito, deseja ser reembolsado apenas dessa importancia.

Apertado ante as perguntas de Robert, não pode Joyce se eximir de revelar o movel dessa carta, cujo original, muito a contra gosto, entrega ao amigo. Robert lê o laconico documento e pasma de assombro. Leslie, a sua adorada Leslie, lhe havia sido infiel!...

Sahido Joyce, entra Leslie, a chamado do marido. Ao ver em mãos do esposo aquella prova irrefragavel do seu erro, sabe que é chegado o momento do seu verdadeiro e mais cruel julgamento:

— Já sei que lêste esta carta, diz a mulher culpada com um leve tremer dos labios. Sei que fui cruel, que fui trahidora, que fui perversa! Estou á tua disposição, Robert, mata-me, si queres!

Petreo, arroxeado de colera, Robert a olha firme, como si o coração se lhe tivesse parado.

— Reconheço o meu crime, Robert. Que pretendes fazer de mim?

— "Nada! diz elle seccamente.

MERNA KENNEDY... GUERRA AOS TALKIES! E NÃO E' BESTEIRA... PORQUE O CINEMA JA' FALA PELO TELEPHONE...

MENJOU TAL QUAL É

(FIM)

a ostentação, sob qualquer aspecto, inclusive pelas pretenciosas vivendas tão de gosto em Hollywood. A sua casa no morro Los Feliz é relativamente pequena; dez ou doze compartimentos de tamanho moderado, bem mobiliados e ornamentados de objectos escolhidos pelo seu proprio dono.

Menjou possue um canzil de terriers e dois enormes papagaios da sua predilecção.

Menjou é um espirito enthusiasta e que se deixa absorver inteiramente emquanto dura o seu interesse por qualquer coisa. Ha pouco tempo tomou-se de ardores pela literatura russa, e achou logo que havia ali vasto campo inexplorado. Para se pôr em condições de uma ampla comprehensão do assumpto, entregou-se ao estudo do proprio paiz, do povo, das condições politicas e da historia da Russia, e tomou um professor que lhe dava lições da lingua slava no studio, nos intervallos das scenas.

Polyglotta consummado, elle fala fluentemente o francez, o allemão, hespanhol e russo. Com o advento do Cinema Falado, Menjou saberá sem duvida tirar boas vantagens em seu proveito. Menjou está convencido de que as difficuldades que o Cinema Falado terá de enfrentar na parte referente aos mercados estrangeiros, sera facilmente resolvida por meio da organização de succursaes dos studios nos paizes estrangeiros. Elle espera fazer um film falado por occasião da sua primeira viagem á Europa.

Menjou não gosta da California como logar de residencia; preferia morar em New York e passar dois ou tres mezes do anno em Hollywood. Gosta de fazer um passeio annualmente ao estrangeiro, tendo verdadeiro pavor do torpor mental que afflige os habitantes da colonia do film que se satisfazem com as ferias em Santa Monica.

A presença em publico de Menjou é uma emoção de que muito pouca gente está livre, pois, elle raramente deixa suspeitar a sua presença nos logradouros publicos. Menjou sente-se constrangido em se ver apontado como si fosse um animal raro, e defende-se d'esse inconveniente usando oculos emfumaçados e mascando gomma assiduamente.

Pessoalmente Menjou não é a creatura suave e maneirosa que se mostra na téla; antes, é um homem de modos rispidos. Por outro lado, ao contrario do que se apresenta no Cinema, Menjou é mais inclinado á candura do que á malicia, mais propenso á simplicidade do que á subtileza.

Como condição inherente ao seu temperamento nervoso, Menjou é um espirito inquieto e que si compraz particularmente com o movimento, com as viagens e panoramas novos.

Menjou lamenta que a arte de viver tenha sido tão negligenciada, especialmente em Hollywood, onde se perdeu toda a sua noção. Dentro de dois ou tres annos, Menjou terá accumulado o bastante para satisfazer as suas ambições e poder, segundo projecta, retirar-se do cinema. Dedicará, então, as suas energias a saborear a vida a seu bel prazer, o que não é possivel quando se é solicitado pelos negocios da sua actividade profissional. E, sendo elle Adolphe Menjou, será facil comprehender o seu successo tambem ahi.

CINEMA DE AMADORES

Os filtros, o iris e as mascaras.

(FIM)

preço é o mesmo aqui, como lá. Só mesmo uma Sociedade de Amadores póde arcar com os preços da Kodak. A novidade de que você fala já sahiu, não foi? Olhe: para você ver que eu sou camarada, vou fazer uma chronica a seu respeito.

EPILOGO DE UM ROMANCE...

(FIM)

mente, controversias illusorias da vida. Coragem e riso são synonimos para Mabel. Teve-os por um instante e perde-os agora para sempre. O mundo, comtudo, desconhece essas cousas e, mesmo em Hollywood, talvez ninguem saiba intimamente o significado dessas palavras.

Mas o mundo, e Hollywood, apparentemente sabem qual a origem que deu como causa o infortunio da querida estrella. O que sente ella, lembrando-se do assassinato de William Desmond Taylor? Isso influiu muito na consciencia de Mabel porque foi a ultima pessoa que chegou a vel-o vivo no momento. Se ella me disesse quem matou Taylor, eu não acreditaria. Se reflectirmos melhor, a nossa pergunta só póde ser uma: — Que podia haver de anor-mal entre Desmond e ella? Entrou para ver seu amiguinho. Mabel sempre teve muitos amiguinhos. Pouco depois, na mesma noite, alguem matou-o. Que culpa lhe cabe?

Outro crime impressionou-a profundamente. Courtland Dines, um jogador de Denver, por questões de ciume, foi assissinado a tiros da revolver pelo **chauffeur** que nutria grande adoração por Mabel. Com isso suppunha o miseravel defendel-a moralmente. Ora! Mabel achou condemnavel a sua brusca interferencia e tudo fez para que a justiça proporcionasse-lhe o merecido castigo.

A verdadeira causa de todas essas desgraças não cabe nem indirectamente a Mabel. Foi tola demais praticar os dictames dos Corinthios da Biblia, no seu decimo terceiro capitulo que reza: — Fé. Esperança. Amor. Tres palavras, tres doces significados que se apoderaram da fraqueza e da bondade da infeliz estrella para serem alvos de torpezas e injustiças.

Mas que mal ha nellas?

E' bem triste proseguir. Mabel veiu a nós com a mocidade ainda em flôr, com uma educação ainda in-

completa. Entre nós surgiu virtualmente e triumphou. Fez-se uma grande personalidade, uma estrella de renome, e uma encantadora mulher. Pouco depois, passados os primeiros effeitos da bonança, veio a tempestade: Ella cahiu no esquecimento e perdeu sua brilhante imagem...

Escandalo e tragedia se deram contra ella mas sobre sua cabeça não lhe pesa a menor accusação, a descortezia, o egoismo, o máo temperamento, a inveja, a traição. Nada disso, nada de premeditações condemnaveis, de malicia e de artificios da vida. E' isso muita cousa já para a "pequena errante" que nunca conheceu ou premeditou-o.

Os doutores prohibiram a entrada de quem quer que seja na confortavel vivenda de Beverly Hills. E' impossivel vel-a agora. Está muito doente.

Mas quer o leitor saber o motivo?

E' que se alguem entra e lhe diz uma lembrança qualquer, a febre augmenta e o desespero ataca-a. Até as flores dos seus amiguinhos trazem lagrimas no riso, mas um riso que lembra a morte...

Lew Cody, então, luta ardorosamente no sentido de salval-a. E' mais uma luta de corações do que de sacrificios. Lew não quer perdel-a. Quer salval-a, protegel-a. Infelizmente, ha um tremendo desanimo que não o deixa de lado. Não tem forças para proseguir. E nesse pé, ficam elles, cheios de desanimo. O romance entre o "homem-borboleta" e a "little clown", teve o seu epilogo mais doloroso.

Apenas restam, como cinzas de um amor perdido, as mais doces recordações de um passado feliz e architectado com risonhas esperanças...

Um sonho mais que se esvae...

IMPRESSÕES DE HOLLYWOOD

(FIM)

Já falei de Olympio, mas ainda não tinha falado de Lia. Estes dois. aliás, ainda me darão assumpto para muitas chronicas.

E desta vez tenho mais tempo e disposição para escrever. Ainda hei de dizer muita, mas muita cousa sobre elles. Olympio e Lia! O concurso da Fox que para todos os brasileiros foi considerado como um grande premio, como uma viagem, ao paraiso e um caminho para fama, fortuna e bem estar!

Ninguem quiz saber da falta de opportunidade, ninguem quiz saber da decepção que soffreram e dos maus momentos que passaram. Um, chamou-os de paralyticos de Hollywood! Outros aproveitaram a situação para emprestar mais uma vez aos brasileiros este falso cunho de incapacidade. Um outro, influenciado por um falso jornalista chegou mesmo a escrever uma offensiva chronica sobre a Lia rindo-se das suas pretenções artisticas e julgando-a incomparavel a uma extra dos studios americaos

As lindas e estatuarias extras de Hollywood! Vão vel-as! vão ver mesmo as artistas as grandes estrellas! Levei tres horas a abanar o meu amigo Dante Orgolini de São Paulo e gastei dois vidros de ether para fazel-o voltar a si do collapso que teve quando viu Joan Crawford, a extraordinaria formosura de "Pequenas de hoje" e dos "primeiros planos" de "Rosie Marie"...

Dante viu uma pequena de gestos abrutalhados, queimada, cheia de sardas falar grosso, a comer em pé, tomates e cebolas, e não queria acreditar em que fosse Joan Crawford.

Lia, ajudada por Julio de Moraes, fez "Alma Camponeza" e Olympio está dando os ultimos retoques a "Fome", film de que muito se falará ainda.

Olive Borden, num dia destes, a commentar espontaneamente o trabalho deste par de brasileiros, disse:

— Isso não é formidavel? Maravilhoso? Os brasileiros devme ser um grande povo porque vejo que não se dão por vencidos.

E ambos vão continuar. Os proximos films de ambos serão falados tambem e Olympio chegou a me convidar a auxilial-o no scenario. Lia fará "O preço de uma brincadeira". Vão produzir mais alguma cousa e depois irão para o Brasil.

Querem ter mais nome, mais poeira e fama de Hollywood porque estão convencidos de que no seu paiz não podem ser prophetas. Eu não gosto de proverbios, mas tive que usar este. Entretanto elles estão errados. Já lhes falei do concerto actual dos brasileiros sobre os films e trabalhos de nossa terra. Sou contra a producção de films brasileiros aqui em Hollywood, porque difficil ou raramente poderão apresentar assumpto ou ambientes brasileiros. E nós precisamos de Cinema para nacionalisar o Brasil para o Rio conhecer S. Paulo e S. Paulo conhecer o Rio, para o Sul conhecer o Norte e vice versa, para incentivar o exercicio militar e os sports com films.

deste genero, para fazer lembrar a nossa historia, para enthusiasmar o trabalho dos brasileiros, para termos mais orgulho de nossas cousas, para dar mais amor ao que fazemos, para consagrarmos o sentimento da mulher brasileira e dar iniciativa a tanta coisa que precisamos.

* *

Ao fechar esta chronica, o Marinho me trouxe um exemplar do "Los Angeles Times" com este grande titulo na primeira pagina: "Gladys Brockwell Morreu num desastre de automovel".

Olhando, pela janella, as pontas dos edificios do "Security Bank" e do "Bank of Hollywood"... comecei a pensar nessa artista que comecei a ver nos velhos films da Universal e que teve aquelle repertorio lindo sempre ao lado de William Scott. Era impossivel que elles não se amassem de verdade, para fazer aquellas scenas com tanto sentimento amoroso! Gladys ultimamente, apparecia com a cara cheia de massa no "O Cordunda de Notre Dame" ou num film secundario da "Poverty Row", mas ainda tinha admiradores. Mas o Marinho interrompeu-me:

— Gonzaga, você já viu Carol Lombard em "High Voltage" com William Boyd? Está ahi uma grande estrella que surge: Você a conhece pessoalmente? Ainda é mais bonita!...

GARBO — O MYSTERIO DE HOLLYWOOD

(FIM)

ra descobrir gente para a téla deu-lhe o primeiro "test" cinematico. E pouco depois dava-lhe o principal papel feminino em "Laranjaes em Flôr". Dahi por diante a sua subida foi rapida e inevitavel. Qualquer cousa nella dominára a imaginação popular. Era paixão, era romance, era sexualismo, era mulher numa fórma nova e dominadora. Não era uma flapper; não era uma cocotte. Era uma mulher differente, adoravel, attrahente como um iman; uma mulher que suggeria todas as delicias da carne sem provocar a condemnação nem o ridiculo. Era a Tentação feita visivel.

Greta Garbo era differente, e as bilheterias começaram a provar a paixão do publico. Os exhibidores pediam films da artista sueca e o seu clamor augmentava a cada nova producção.

O espanto dominou a Cinelandia. Que fizera ella para se tornar uma grande estrella? Não era formosa. Não sabia nada de Cinema; não tinha experiencia. (Elles esqueciam a figura de Stiller, que a treinara durante annos e annos, justamente para este resultado).

Ella era uma mulher pouco intelligente. Era uma mulher commum.

Mas quando a viam na téla ficavam mudos de espanto, como si defrontassem um milagre.

Que succedera?

Diariamente, quando sae do studio, ella vae directamente para casa e cae na cama, exhausta.

No "set", entre duas scenas, ella dorme a somno solto em qualquer cadeira. Queixa-se continuamente de frio. Procura sempre estar perto de um aquecedor.

Eu acho que a resposta é esta: é

que ella gasta uma energia extraordinaria, todo o seu fogo interior diante da camera. A, ella e tão somente á ella, a camera, dá, Greta Garbo tudo o que recusa aos sêres humanos. Diante della desapparecem os seus receios e temores. Como outras grandes artistas ella dá-se inteiramente ao seu trabalho; e quando se arranca delle fica esgotada — com a sua vitalidade gasta.

Duse e Bernhart são dois perfeitos exemplos do mesmo genio dramatico que anima Greta Garbo.

Os seus companheiros acham difficil trabalhar ao seu lado. Ella nunca ensaia uma scena. Ella decóra os seus escriptos, vertidos para o sueco; estuda e se assenhoreia de cada situação e de cada scena; sabe exactamente o que quer fazer e não deseja gastar as suas energias emotivas em repetições monotonas e desanimadoras. Não faz exigencias, não discute angulos faciaes, não exige primeiros planos.

Esta é Greta Garbo, a artista cujo successo vertiginoso elevou em tres curtos annos o seu salario a tres mil dollars semanaes.

Agora consideremos Greta Garbo, a representar. Muito se tem dito a este respeito. Esta phrase famosa tornou-se, um complemento, quasi; do seu nome. "Vou já para casa".

O tremendo poder da phrase immortal de Greta Garbo reside no facto de não ser uma simples ameaça, embora todos se tenham convencido disto com algum esforço. A cousa passa-se mais ou menos assim: Os chefes da M. G. M. pedem-lhe para fazer qualquer cousa que ella não approva artisticamente. Elles decidem estrellal-a num film que ella — e ella é o seu unico juiz — considera um perigo para a sua carreira.

"Vou já para casa", diz ella.

Por casa ella quer dizer o Miramar, um hotelzinho das Palisadas, em Santa Monica, onde ella mora desde que chegou a California.

Ou, quem sabe que ella não quer referir-se á sua patria?

O momento de dizer esta phrase é qualquer momento. No meio de uma filmagem, como no nicio. Tanto faz. A pessoa a quem se dirige pode ser Louis B. Mayer, ou qualquer outro chefão, ou todos elles juntos.

"Vou já para casa".

E si não cedem ella vae mesmo, aconteça o que acontecer. Ella abandonaria com a maior indifferença tudo o que o Cinema lhe tem dado.

A fama só lhe tem dado difficuldades com as quaes o seu temperamento, ainda não se habituou. O dinheiro só tem valor para ser guardado. Para si o vil metal foi feito para lhe fazer a independencia, mais tarde. Não lhe dá muita importancia. Não o gasta com vestidos ricos, não usa joias, vive exactamente como vivia quando chegou a Hollywood; possue um unico automovel, modesto que ella tem como o mais rapido e seguro do mundo.

O grande successo que vem corôando a sua carreira é um meio que conduz a um fim e não o fim. Ella economisa cada nickel afim de assegurar a sua e a felicidade dos que lhe são caros. A sua maior ambição é viver a salvo dos aborrecimentos da vida moderna, longe de quem lhe possa dar desgostos. Não lhe

causa medo o ter que deixar mais tarde o brilho, o excitamento e a gloria da sua posição de estrella.

Certa vez foi ter ao lot uma linda loura chamada Eva Von Berne. Mas ella não foi das mais favorecidas: encontrou Hollywood já muito cheio de louras. E preparou-se para bater em retirada.

Antes de ir, porém, quiz realizar um sonho que sempre a dominára — conhecer pessoalmente o seu grande idolo, Greta Garbo. Si lhe fosse possivel tornar a Berlim com este desejo satisfeito e com um retrato autographado considerar-se-ia feliz.

Um rapaz que trabalhava no set, de Greta soube disto e disse-o a grande estrella.

Greta aquiesceu. Desejou conhecer a sua formosa admiradora. Encontraram-se. Conversaram. Ella animou-a. Disse-lhe: "Você estará melhor em sua casa. Em sua patria você será mais feliz. Eu tambem uma vez pensei em voltar para a minha patria".

E accrescentou: "Terei immenso prazer em lhe dar um retrato autographado". E sobre o retrato escreve: "A' Eva Von Berne, de sua amiga Greta Garbo".

Eva encofraria qualquer retrato seu. Que não faria ella áquelle que lhe era offerecido pessoalmente pela grande Greta Garbo! Como vêm quando Greta rompe a sua reserva fal-o com dignidade verdadeiramente real.

Mas em torno della paira sempre uma dôr, um desejo ardente, uma nostalgia profunda.

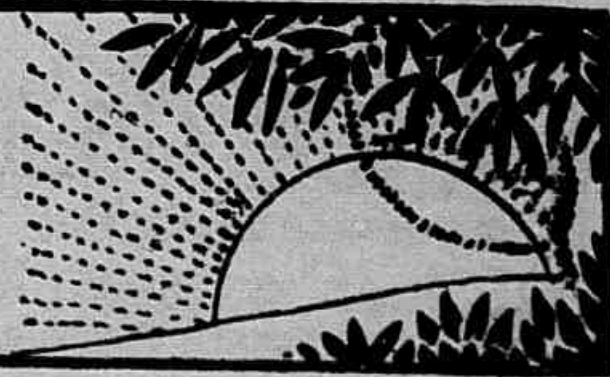
Talvez que ao dizer "Vou já para casa" espere que lhe respondam: "A vontade".

Ella tem combatido com successo o maior perigo que já ameaçou as estrellas estrangeiras de Hollywood — as historias más e improprias. A menos que uma historia lhe agrade ella não dará um passo para a filmagem.

A sua habilidade para os negocios ella aprovou, quando conseguiu que John Gilbert a secundasse em "A Woman of Affairs". Ella conseguiu que o maior artista da actualidade trabalhe com ella num papel que muitos galãs despresariam. Seria o resultado do amor? Talvez... Talvez, tambem, fosse devido a sua habilidade para negocios.

As costureiras do studio temem-na. Para ella ou a toilette é perfeita ou não presta para nada.

Uma vez ella interrompeu a filmagem e retirou-se do studio. E só tomou ao trabalho quando o director resolveu deixal-a fazer o que queria.

Ella come como um homem. A sua gargalhada é forte e communicativa. Ha poucos mezes ella foi á Suecia. Foi; disseram que não voltaria; mas voltou. Mas chegará um dia — que não está muito distante — em que ella irá e não mais voltará.

MUDARAM-SE OS ESCRIPTORIOS DO "O MALHO"

Os escriptorios da Sociedade Anonyma "O MALHO" mudaram-se para a Travessa do Ouvidor, 21, onde serão recebidas, com a attenção de sempre, as ordens de seus annunciantes, agentes e leitores.

As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas desta Empreza, continuam no edificio proprio da Rua Visconde de Itaúna, 419, onde sempre estiveram.

Direcção e manuscripto de A. Genina. As ultimas scenas estão sendo filmadas em Paris. Carmen Boni que joga-se á frente de um trem em movimento na Gare de Lyon, foi por uma questão de pouca sorte quasi victima de um accidente na occasião em que treinava essa difficil scena.

O GRANDE FILM ALLEMÃO "PORI" TRIUMPHA EM VIENNA

A pellicula africana "PORI" está obtendo um successo sem precedentes na capital austriaca. No decurso de uma semana de exhibição, passaram pelas borboletas de um cinema cerca de 27.000 espectadores, cifra nunca alcançada por uma producção desta natureza.

Brunswick
Os genios que voltam
Ha musica no espaço. A vida é uma harmonia
Feita dos multisons vindos da Natureza;
O som que é vibração, como a luz irradia,
Penetra os corações, — viva auriflamma accesa.
Do ruido universal tira o Genio a poesia;
A arte dá-lhes a forma, a suprema belleza;
E eis a musica humana, — a divina magia
Que é victoria e esplendor e é soluço e tristeza.
Vejo-os voltar á Terra, os excelsos Creadores
De Harmonia; eil-os vêm, do eterno Além, trazidos
Pela pompa orchestral de suas obras — primores!
Milagre? — E' a PANATROPE! Aos humanos ouvidos
E tal qual os sentira o éstro dos seus autores,
Traz os poemas de sons, novamente sentidos.
VENDEDORES AUTORIZADOS
NO
RIO DE JANEIRO
ASSUMPÇÃO & CIA. LTDA .... Avenida Rio Branco, 147
CASA SOTERO .... Rua da Assembléa. 79
CASA VIEIRA MACHADO .... Rua do Ouvidor, 179
M. BARROS & CIA .... Rua São José 66
PETROPOLIS CREDITO MOVEL .... Petropolis.
DISTRIBUIDORES:
ASSUMPÇÃO & CIA. LTDA
RIO e S. PAULO
Officinas Graphicas do "O MALHO"